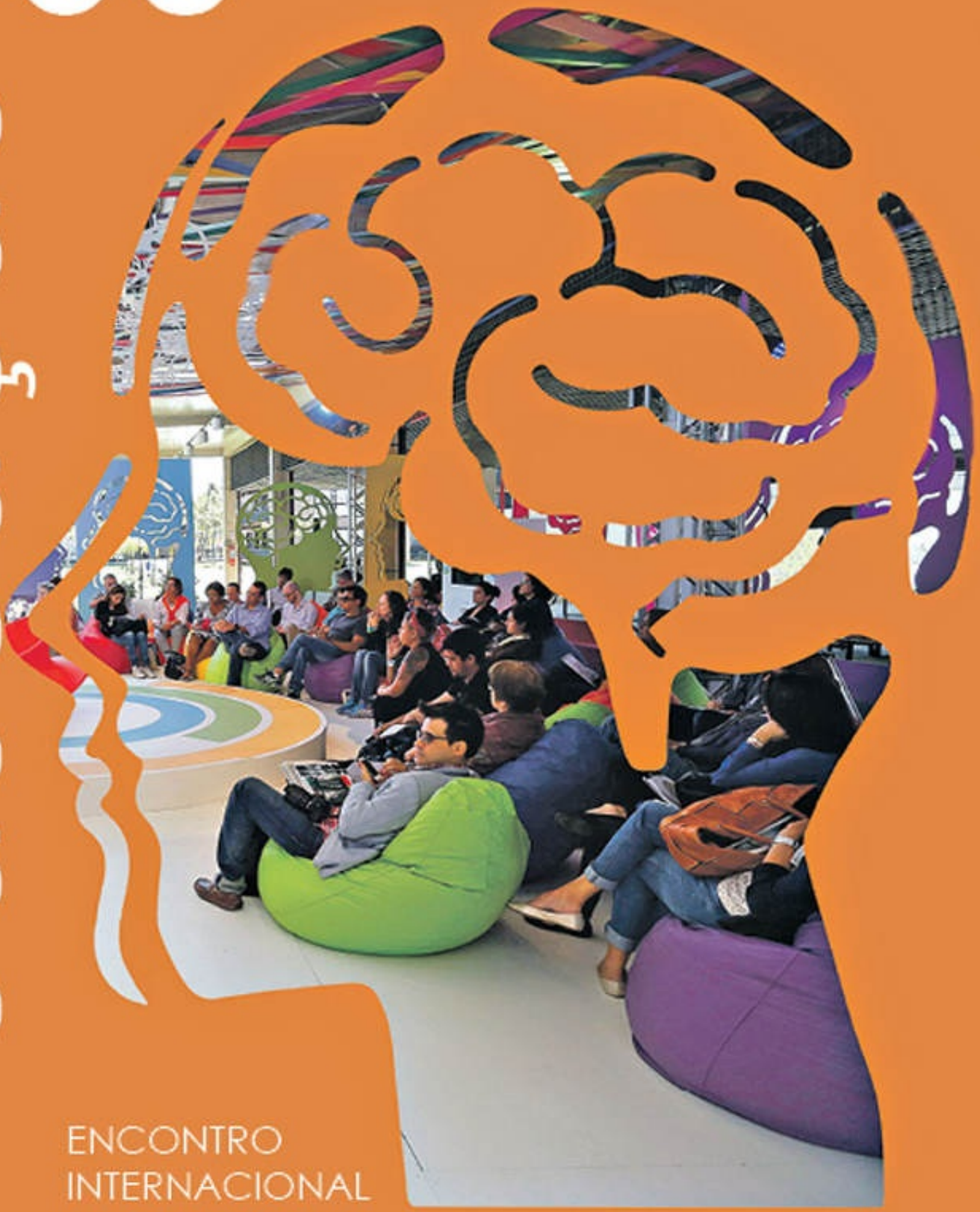
educação 360



ENCONTRO
INTERNACIONAL

educação 360

Encontro Internacional

Parceria:

ESCOLA SESC DE ENSINO MÉDIO

Sesc 70

RIO PREFEITURA EDUCAÇÃO

FGV

Apoio:

futura

Realização:

EXTRA
A INFORMAÇÃO QUE VOCÊ ESCOLHEU.

O GLOBO
MUITO ALÉM DO PAPEL DE UM JORNAL



O espaço Inteligências Múltiplas, inspirado na neurociência. E no detalhe, a sala Novas Tecnologias: ambientes dos estudos de casos

apresentação

Roberta Ferraz,
coordenadora

As três mil pessoas que participaram do primeiro encontro internacional Educação 360 possuíam visões bem diferentes sobre educação. Mas todas tinham uma certeza em comum: é através dela que construiremos um futuro melhor para o Brasil.

Realizado pelos jornais O GLOBO e EXTRA, em parceria com a Prefeitura do Rio, o Sesc e a Fundação Getulio Vargas, e apoio do Canal Futura, o seminário aconteceu nos dias 5 e 6 de setembro de 2014, no Rio de Janeiro, e reuniu professores, gestores, alunos, familiares, membros da comunidade, representantes de ONGs, do poder público e empresários para discutir o assunto sob vários ângulos, contar histórias de sucesso e ouvir opiniões de especialistas.

Defender a educação de qualidade, estimulando o debate ao redor das melhores práticas, tem sido há anos o objetivo diário dos dois jornais. Desta vez, a ideia era dar um passo adiante: além de aproveitar a profunda ligação dos dois veículos com o tema e as suas capacidades de provocar e reverberar essa discussão, o objetivo era sair da teoria para a prática. Que o público presente não se limitasse a conhecer ou discutir ideias sobre educação, mas que se inspirasse nos bons exemplos apresentados. E saísse de lá com a certeza que, sim, é possível replicá-los.

Assim nasceu o Educação 360. Ao lado das conferências magnas ministradas por grandes nomes internacionais e de mesas-redondas com profissionais de diversas áreas discutindo temas relacionados à educação, o seminário revelou 39 iniciativas de sucesso no Brasil e no mundo que ilustram a capacidade que temos para mudar as formas de ensinar.

A cenografia integrada ao conteúdo foi outro ponto alto do evento. Os espaços, assinados por Abel Gomes, foram inspirados em temas abordados nas atividades, como as novas tecnologias, a desconstrução da sala de aula, o papel do professor, a neurociência e a interatividade, valorizando ainda mais a beleza das instalações da Escola Sesc de Ensino Médio.

Este livro é um documentário do encontro. Se durante dois dias o Educação 360 mobilizou três mil pessoas, que a partir de agora, com a leitura das páginas a seguir, esse número possa ser multiplicado.

EXEMPLOS MAIORES QUE OS SONHOS. POR QUE NÃO?

Antonio Simão Neto,
diretor da Interfaces e curador

Charles Leadbeater diz que tudo o que precisamos aprender sobre as formas mais avançadas da educação pode ser encontrado na Finlândia. Lá vemos escolas organizadas e equipadas, um sistema de ensino bem concebido, professores capacitados e práticas pedagógicas eficazes.

Porém, se quisermos compreender o que a educação deve ser no futuro, devemos olhar o que acontece no Rio de Janeiro, em Johanesburgo, em Mumbai, em outras grandes cidades fora do eixo Europa/Estados Unidos. Nelas podemos ver o mundo no qual a maior parte da população vive e viverá — e para o qual a educação de hoje e de amanhã deve estar voltada.

É voz corrente que a educação vive uma crise de identidade. Criada numa sociedade na qual a informação era escassa e circulava de forma muito restrita, a escola hoje tenta sobreviver num mundo onde a informação é abundante e está na ponta dos dedos de qualquer pessoa que tenha acesso à grande rede.

Pedagogias centradas em informações pré-selecionadas (conteúdos), organizadas (disciplinas) e transmitidas dos professores para os alunos em via de mão única (aulas) já não ajudam a dar respostas adequadas aos desafios que a realidade nos apresenta e distanciam cada vez mais a escola das crianças e jovens com os quais deveria estar sintonizada.

É preciso ressignificar a educação. A escola deve fazer sentido para os alunos e para todos os que demandam serviços educacionais de instituições públicas e privadas. Do contrário, continuaremos a forçar nossos filhos a passar muitas

horas preciosas a assimilar informações irrelevantes para suas vidas.

Sem dúvida, temos de renovar as práticas pedagógicas, mas antes de tudo precisamos construir uma visão inovadora que revalorize a educação e a recoloque no caminho das demandas da sociedade.

A educação não pode ser menor do que as dimensões dos sonhos que acalentamos.

Sonhar é preciso e nos conduz ao que pode vir a ser. Talvez não seja devaneio imaginar uma educação que aconteça em espaços onde real e virtual se enlaçam; a curiosidade e a criatividade sejam incentivadas; a ciência conviva com a arte; a cultura, com a tecnologia; a lógica, com a emoção; a aprendizagem, com o lazer; o saber, com a ética, em harmonia e integração, para o benefício de todos e de cada um.

Há exemplos que nos animam a pensar que está ao nosso alcance uma educação que desenvolva nas crianças e jovens o encantamento com o mundo sem deixar de questioná-lo para que seja possível transformá-lo num lugar melhor.



Uma das apresentações de estudos de casos no espaço "Você é o conteúdo", na biblioteca



Cadeiras customizadas na sala "O ensino & o indivíduo"

O "Espaço de aprendizagem", abaixo, foi inspirado na desconstrução da sala de aula



3mil

pessoas estiveram presentes no Educação 360 durante os dois dias do evento. Enquanto as conferências magnas aconteciam, aproximadamente

6,5 mil

views *foram registrados nos sites do* GLOBO *e* EXTRA, *multiplicando ainda mais as experiências vividas por educadores vindos de todas as regiões do país.*

O QUE QUEREMOS

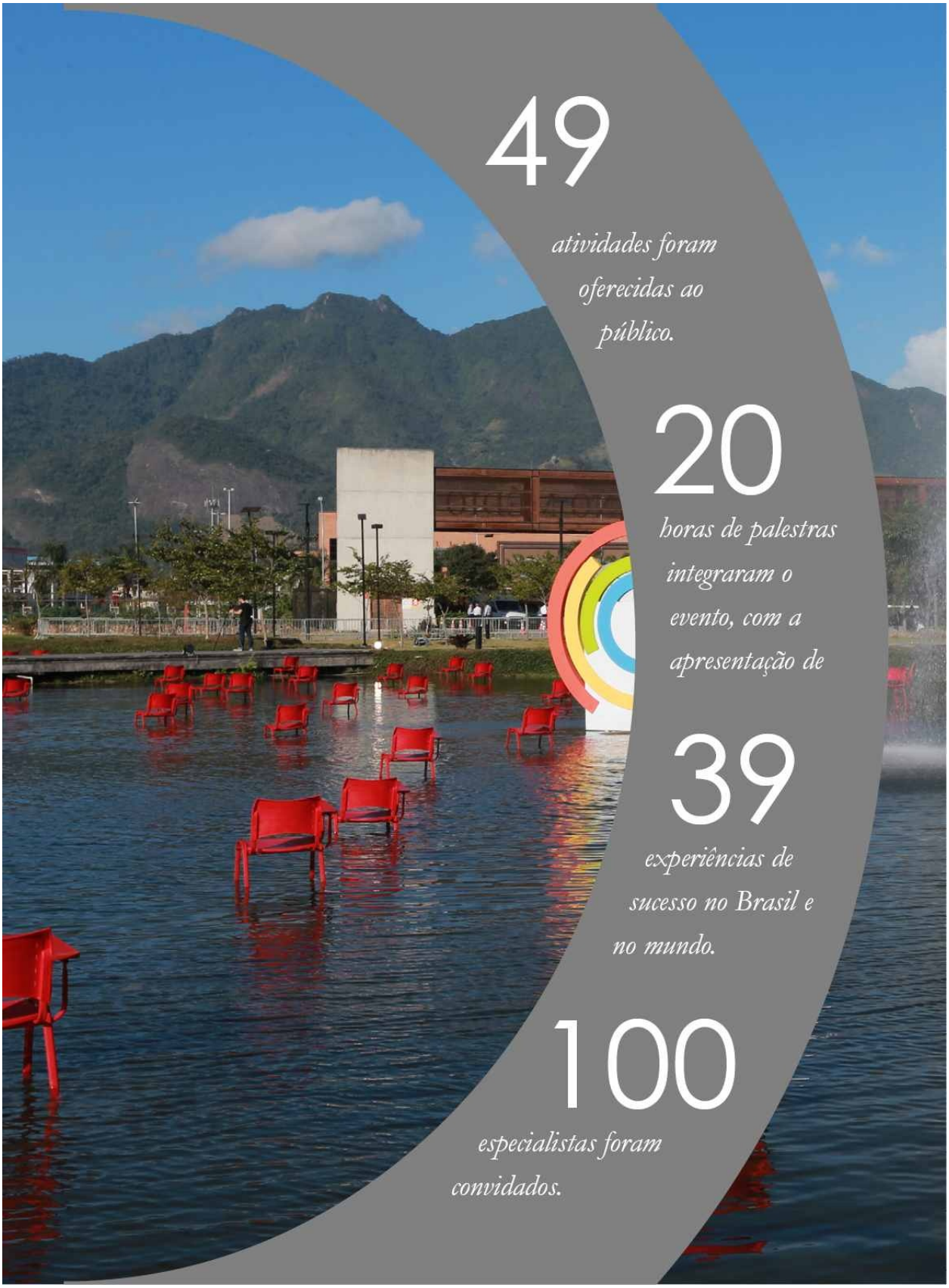
Rafael Parente,
assessor do movimento Todos Pela Educação e curador

Alguns pensadores e pesquisadores da educação têm argumentado, de forma convincente, que precisamos de mudanças radicais na forma em que oferecemos a educação pública. Alguns dos exemplos mais conhecidos, como Pierre Lévy e Edgar Morin, criticam o modelo industrial de ensino que dominou o cenário nos últimos séculos. Dizem que pedagogias tradicionais estão distantes das realidades dos alunos, que se sentem desmotivados, não conseguem ver valor nas atividades propostas e decidem abandonar a escola. Os relacionamentos entre profissionais e alunos e entre a própria equipe estão desgastados. Além disso, as soluções tradicionais não têm conseguido estimular o salto de qualidade de que a educação precisa, e o avanço nas conquistas tem sido tímido.

Por outro lado, testemunhamos relatos inspiradores de pessoas que demonstram como a educação do século XXI pode vir a ser. A educação está se tornando mais centrada no aluno e fazendo uso de dados da aprendizagem gerados em tempo real; podendo acontecer a qualquer momento e em qualquer lugar; de forma personalizada e colaborativa; contextualizada em situações práticas do mundo real; incorporando jogos, simulações e elaborações de projetos; tanto formalmente, em escolas e universidades, quanto informalmente, em outros espaços de aprendizagem. As evidências de que essas mudanças estão acontecendo agora, mesmo que de forma irregular e esporádica, crescem a cada dia.

Mas há um problema: não há uma versão completamente operacional e pronta desse novo e complexo sistema educacional que possa ser imediatamente implementada. Precisamos criar e implementar um processo disciplinado de

transformação que preveja uma natureza dinâmica de atualizações frequentes, ao mesmo tempo que é essencial que gestores, pesquisadores e pensadores debatam sobre a cara da nova educação e como as escolas devem operar. Devemos discutir e planejar com o mesmo grau de seriedade como promoveremos a transformação dos sistemas educacionais que temos hoje para os sistemas educacionais que queremos e de que precisamos.



49

atividades foram oferecidas ao público.

20

horas de palestras integraram o evento, com a apresentação de

39

experiências de sucesso no Brasil e no mundo.

100

especialistas foram convidados.

índice

MAGNAS

Edgar Morin

Pierre Lévy

José Francisco Soares

Shukla Bose

MESAS PLENÁRIAS

Grandes tendências

Educação e sociedade

Educação de alma brasileira

Mídia e educação

ESTUDOS DE CASOS

Como aprender física brincando

Em busca dos alunos que faltam as aulas

Projeto de leitura na ilha de Marajó

Literatura infantil pode ser coisa de adulto

Empreendedorismo e sustentabilidade em Bali

Escolas vivas: o aluno aprende com seus atos

Tecnologia Telecurso: Metodologia Telessala

Projeto da prefeitura do Rio dá atenção especial a adolescentes

Clube de Leitores: mais leitura e troca de ideias

O segredo do sucesso de Sobral, no Ceará

O papel dos games na educação

Ismart: um instituto em busca de talentos

Escolas bilíngues na rede municipal do Rio

Um Brasil cheio de boas práticas educacionais

Projeto Dupla Escola: formação integral

O plano de educação em Teresina, no Piauí

Em Macaíba, um polo de educação científica

Práticas inovadoras de aprendizado

A qualidade das escolas particulares

Movimento ParaTodos e sua proposta especial

Handebol: uma boa tática de ensino

Uma saída para o êxodo rural

As competências socioemocionais

Craque de bola e de escola

Transformação pelas artes plásticas

Biblioteca infantil na rede: alunos autores

Escolas rurais conectadas

Escola Amorim Lima: sem séries, nem provas

Diversão e informação no Museu Catavento

As crianças são as donas da história

Matemática Rio: aulas ‘pops’ para a internet

A arquiteta que projeta as escolas dos sonhos

Uma nova rotina com o tempo integral

Portal FGV Ensino Médio: de olho no Enem

Galpão Aplauso: formação para as artes

Mandala dos saberes: cultura local em alta

Virada educação: movimento entusiasmo

Débora Seabra: a inclusão em pessoa

Matemática não é um bicho de sete cabeças

A VOZ DO PÚBLICO

Educar para um mundo complexo



EDGAR MORIN

magnas



Em uma das mais aguardadas conferências, o antropólogo, sociólogo e filósofo francês Edgar Morin pediu para que, em tempos de globalização e fragmentação da realidade, as escolas trabalhem mais a diversidade do ser humano. Ele criticou o atual modelo de ensino no mundo, que, segundo ele, se especializou em fornecer conhecimentos fragmentados. Ele afirmou que isso seria próprio dos nossos tempos, que estão repletos de conhecimentos e saberes dispersos, desorganizados:

— O grande imperativo de hoje em dia é conectar, não somente o conhecimento, mas também os alunos com seus professores, conectar os humanos e os povos. E, nesse mundo da separação, é preciso ter esse conhecimento capaz de ligar, que eu chamo de complexidade.

De acordo com Morin, a escola não atende mais às necessidades vitais do cidadão, que passariam por um aprendizado integrado e pela observação de todos os aspectos da realidade humana:

— Aprendemos na escola muitos conceitos, muitos conhecimentos, mas todos dispersos. Precisamos desenvolver um modelo educacional que ligue esses conhecimentos, que os coloque em perspectiva. As escolas acumularam saberes, mas não são capazes de organizá-los.

Morin pregou que a verdadeira reforma educacional no mundo só será possível assim que os currículos das diversas disciplinas se preocuparem em pensar conjuntamente o ser humano.

— Há uma realidade mutilada de nós mesmos, fatiada. Nas aulas de Biologia, eu conheço nosso organismo. Na de Economia, somos traduzidos apenas em números frios. Em Ciências Humanas, fico sabendo como agimos em sociedade. Mas há conhecimentos separados de tudo isso, e precisamos integrá-los. O aluno precisa entender que a diversidade é o tesouro da Humanidade.

As instituições rígidas e a resistência de alguns professores, que preferem permanecer fechados em suas disciplinas, foram alguns dos obstáculos mencionados pelo pensador para a concretização de uma reforma educacional, que exigirá uma visão muito mais aberta de mundo.

— Ensinar a viver é também transmitir aquilo que as pessoas pensam sobre a sua própria vida. Portanto, há muitas reformas a serem feitas. Mas é uma tarefa difícil, porque há resistências institucionais.

Morin se aprofundou no debate filosófico e nas dicotomias para defender sua tese. Para ele, não existe razão sem emoção, assim como não é possível que as paixões dominem o pensamento racional. Além disso, ele acredita que é preciso que as questões do “eu” e do “nós” sejam trabalhadas conjuntamente, de forma que a pessoa não seja sufocada pela sociedade. Segundo ele, atualmente há um afastamento cada vez maior entre esses dois pronomes, gerando radicalismo nos extremos:

— O “eu” deve se desenvolver dentro do “nós” de modo harmônico. Se houver a predominância do “eu” dentro do “nós”, é egoísmo. Mas, se o “nós” abafa o “eu”, é o indivíduo que não pode se desenvolver. Temos que conciliar a relação entre família e pátria com as necessidades do ser humano.

Já sobre a alteridade, o antropólogo afirmou que não só o aluno, mas os cidadãos em geral precisam conhecer e compreender o “outro”. O esforço de entender a realidade do outro lado deve começar, principalmente, pela batalha do autoconhecimento:

— Não ensinamos nem a nos conhecer. As escolas deveriam estimular que alunos escrevessem diários e depois os lessem com o passar do tempo. E essa prática poderia perpassar ao longo de toda a educação básica. Só conhecendo nossas fraquezas é que conhecemos também as fraquezas dos outros e, assim, as compreenderemos.

O exercício da alteridade foi o grande tópico do discurso de Morin. Isso porque, para ele, reconhecer as diferenças no outro e compreendê-las é o que nos torna verdadeiramente seres humanos. Ele chamou a atenção ainda para dois aspectos simultâneos da Humanidade: uma unidade biológica e uma diversidade cultural. Portanto, ressaltar as diferenças e transmitir esses valores aos alunos, segundo o pensador, são os principais objetivos da escola:

— O ser humano é ao mesmo tempo constituído por uma unidade fundamental, mesmo cérebro, fisiologia, mesma capacidade de amar, chorar e rir. Mas eles são diferentes em relação ao caráter e principalmente em relação às culturas. É preciso reconhecer nessa diversidade uma riqueza humana. Porque a diversidade é o tesouro da unidade. Unidade e diversidade são inseparáveis. E o que nos torna verdadeiramente humanos é reconhecer o outro.

Atento à permanente mudança das relações humanas, Morin disse que é necessário que a educação esteja preparada para trabalhar com as diversas percepções de uma realidade que se revela cada vez mais plural aos olhos dos

alunos. Ele deu exemplo de como um evento do cotidiano, como um acidente de carro, pode ser relatado de formas diferentes por conta das emoções provocadas em cada espectador. E comparou ainda a capacidade de as comunidades elaborarem deuses e mitologias ao longo dos séculos:

— Basta olhar para as pessoas que acreditaram tão fortemente no nazismo e no comunismo. É preciso ter uma educação que nos mostre os perigos disso tudo. Ensinar o que deveria ser um "conhecimento pertinente", que seja capaz de ver os múltiplos aspectos de uma mesma realidade. O homem não é somente bom ou mau, devemos saber que as realidades são ambíguas. A globalização pode ser muito negativa, mas também tem um lado bom.

Morin reforçou outros conceitos defendidos em seus escritos, como a "ecologia da ação". Nela, o aluno precisa estar consciente de que toda decisão é uma aposta, já que ela não está condicionada apenas à vontade daquele que a pratica, mas também ao contexto no qual ela está inserida: condições biológicas, sociais, culturais e políticas. Cabe ao professor formular estratégias de ação para lidar com as incertezas dos estudantes quanto ao futuro. Segundo o pensador, esse seria um dos maiores anseios da sociedade moderna:

— A escola e o conhecimento que ela produz não nos preparam para lidarmos com as incertezas que nos cercam. Professores têm que incutir nos alunos a consciência da tomada de ação.

Durante o debate com o público, Morin se deparou com questões como o conteudismo nos currículos da educação básica, a formação defasada do professor, a dificuldade de integrar o conhecimento na educação básica e a preparação para o final do ciclo com a prova do Exame Nacional do Ensino Médio (Enem), que pecaria pelo excesso de foco em conteúdo.

— Também acho que todos esses problemas estejam acontecendo. Concordo com tudo isso. Mas esse fenômeno acontece também porque os professores se retraíram em suas próprias disciplinas. O individualismo está exacerbado, e

precisamos estimular a solidariedade.

Edgar Morin

www.edgarmorin.org.br

“É preciso ensinar também o que seria um conhecimento pertinente. Não é um conhecimento matematicamente sofisticado, mas um conhecimento capaz de ver os múltiplos aspectos de uma mesma realidade.”

“Precisamos estar conscientes de que toda decisão é uma aposta. E, conscientes disso, devemos ser capazes de utilizar uma estratégia, ou seja, modificar a ação ou a decisão de acordo com os acontecimentos.”

“Ter consciência é importante. Não se trata apenas de transformar a realidade, mas transformar a si mesmo, e me parece que nisso tudo o ensino é fundamental. A escola é capaz de formar seres que vivam melhor.”

“Hoje, o jovem tem uma autonomia que não tinha no passado, logo o sentido das hierarquias do passado não existe mais. E alguma coisa vai se transformar nessa relação com os alunos graças à internet.”

“Eu escrevi um livro para mostrar que a reforma da educação, a reforma do conhecimento, a reforma do pensamento, todas elas são inseparáveis de um conjunto de todas as outras reformas de que a sociedade precisa.”

Preparando os alunos para a curadoria colaborativa de dados



PIERRE LÉVY



‘Uma vez que a pessoa tenha a base das disciplinas, como História, Geografia, Matemática... ela precisa seguir um aprendizado autônomo, seja sozinho ou em grupo.” A afirmação do filósofo e antropólogo francês Pierre Lévy sintetiza, de certa forma, suas reflexões sobre as possibilidades apresentadas no ensino com as novas ferramentas digitais: o indivíduo é responsável por seu próprio aprendizado. No entanto, essa situação fica mais complexa quando se insere um componente ético no processo:

— Existem vários passos para que esse aprendizado seja realizado, como uma curadoria de dados e, logo após, uma categorização. Quando a pessoa faz isso em um ambiente compartilhado como a internet, acaba contribuindo para a construção do conhecimento coletivo. Por isso, há uma responsabilidade da sua atuação na rede. A pesquisa não é mais pessoal. Agora ela é social também — explicou Lévy, que aposta nesse modelo como o ideal para o futuro da comunicação: — Precisamos programar cabeças para a construção do conhecimento coletivo.

As técnicas, ele explicou, já estão criadas. Existem inúmeras ferramentas de distribuição de informação — especialmente via redes sociais. Para ele, falta agora a criação de uma cultura de responsabilidade da colaboração em rede dessa informação apurada. E é aí que o professor é chamado ao posto de protagonista. De acordo com o filósofo, o primeiro passo do profissional dessa categoria é aprender ele mesmo essa nova gerência de conhecimento, para depois passar para os alunos.

— Nós causamos muito mais impacto na rede do que imaginamos. Não há, no processo de compartilhamento da informação, uma autoridade para dizer o que é falso e o que é verdadeiro. Assim, é importante ter capacidade crítica. Você pode criticar os dados, precisa consultar várias fontes, ver visões diferentes... O ciberespaço não está fazendo nada. As pessoas é que estão. Esse processo coloca a pessoa no centro do processo de aprendizado — definiu o filósofo, que também expôs desafios: — Uma rápida busca no Google não resolve. É um longo processo de pesquisa. Não é fácil e rápido, mas que aluno queremos formar? Queremos bons estudantes. Pessoas éticas. Essa é uma perspectiva da criação de um novo modo de fazer conhecimento e dá trabalho.

A fala de Pierre Lévy inspirou quem estava na plateia. A jornalista Janaína Lellis, de 24 anos, percebeu que, assim como os meios de comunicação se desenvolveram (do impresso para o digital), a educação precisa acompanhar esse processo.

— A educação ficou travada em um momento anterior da comunicação — opina ela, que se divertiu com duas tiradas do francês: “Wi-fi liberado é questão de direitos humanos” e “Espero que vocês não tenham postado nada no Facebook enquanto eu estou aqui falando”.

Esta nova fase da educação, segundo Pierre Lévy, é a capacidade de orientar os alunos em direção ao conhecimento autônomo. Nesse sentido, não haverá o risco de o novo modelo de aprendizado aumentar a desigualdade entre classes sociais,

já que críticos consideram uma necessidade transformar a nova era em mais inclusiva. Para o antropólogo, a questão central não está na diferença, mas, sim, no indivíduo.

— A questão mais importante é a autonomia, a liberdade e a dignidade. Não me importa se você tiver um bilhão e eu tiver somente um milhão. O que eu quero é que todos consigam sobreviver nesse novo ambiente complexo. E que tenhamos um bom sistema de orientação, no nosso sistema educacional, para auxiliar todas as pessoas a serem autônomas e terem dignidade — explicou o francês.

O auditório principal do Educação 360 ficou lotado para assistir à conferência do filósofo. Na porta, uma fila enorme se formou, de quem não estava inscrito e tentava uma vaga. Quem conseguiu seu lugar ouviu ainda que o desafio da pesquisa hoje não é só escolher as melhores informações, mas também saber como usá-las.

— Os dados não são objetivos ou neutros. Os mesmos eventos podem ser observados de maneiras diferentes. É preciso considerar todas essas coisas para ensinar os alunos e eles não virarem ovelhinhas que seguem qualquer coisa — desafiou o acadêmico.

Esses são os pensamentos de Pierre Lévy sobre um cenário já existente. O filósofo ainda projeta que novas transformações estão por vir com o desenvolvimento mais apurado dos algoritmos (sequência de instruções que compõem os softwares).

— O futuro terá combinações de metadados. Assim, eles serão capazes de relacionar automaticamente conhecimentos a partir de conexões semânticas. A partir daí criamos uma inteligência coletiva e reflexiva — projetou o filósofo.

O que Pierre Lévy não vê para o futuro é uma previsão que constantemente aparece na ficção: a inteligência artificial. O francês é enfático quando coloca o homem no centro do desenvolvimento intelectual dele mesmo — contribuindo, assim, para a inteligência coletiva.

— Talvez vocês tenham percebido que eu nunca utilizei o tema inteligência artificial. Eu acho que ele é confuso, gera uma ideia errônea. O principal efeito do algoritmo é aumentar a inteligência pessoal e a coletiva. E você não tem programas ou computadores que sejam de fato inteligentes, no sentido de autonomia, como nós somos. Pode haver programas altamente especializados em determinados usos, e, nessas habilidades específicas, eles são melhores que nós, mas as decisões éticas e epistemológicas são sempre feitas pelas pessoas. O futuro vai ajudar as pessoas a tomar a responsabilidade para elas mesmas, a ter mais conhecimento no meio em que estão inseridas e ter um conhecimento crítico das suas próprias ações e reflexões — definiu Pierre Lévy.

A importância do cidadão autônomo na obra de Pierre Lévy mexeu até com a realidade de moradores de favelas no Rio de Janeiro. Presente no encontro, o arquiteto Manoel Ribeiro, que foi coordenador em oito comunidades do Favela Bairro — projeto da prefeitura do Rio de Janeiro que realizou investimento em comunidades —, afirmou que uma frase do francês mexeu com ele durante o seu trabalho. A sentença foi “O outro é alguém que sabe de coisas que eu não sei”, e ela o levou a mudar o olhar sobre as pessoas.

— Ele me inspirou e me deu uma base ética. A partir dela, trabalhei para perceber a identificação da população de uma favela com o objetivo de construir um conhecimento coletivo naquela realidade — afirmou o urbanista de 73 anos.

Pierre Lévy

https://twitter.com/plevy

“Em 1994, no início da world wide wibe, a grande rede, havia menos de 1% da raça humana conectada. Agora, 20 anos depois, temos 40% da raça humana conectados no planeta. Nas cidades grandes, em qualquer continente, 80% da população estão conectados.”

“Se você está interessado em algum assunto, é fundamental consultar várias fontes. Fontes que não apresentem o mesmo ponto de vista sobre aquele assunto. É preciso não apenas checar a fonte, mas fazer uma checagem cruzada.”

“Eu acho que primeiro precisamos adaptar o nosso aprendizado, para depois pensarmos em mudar o nosso ensino.”

“As melhores fontes são as fontes transparentes, porque elas mesmas dizem quem elas são, como são financiadas. Elas falam sobre sua própria pauta de interesses.”

“Eu ainda sou muito fã da inteligência coletiva. Mas é preciso sublinhar que a inteligência coletiva é baseada na inteligência pessoal, que não pode ser substituída. A inteligência coletiva é baseada nos processos de aprendizagem pessoais.”

Por uma educação relevante e concretizada



JOSÉ FRANCISCO SOARES



‘Concretizada e relevante. Essas são as duas palavras que eu queria que vocês guardassem desta minha apresentação”. Com essa frase, José Francisco Soares, presidente do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais (Inep), iniciou sua conferência. Ele, então, explicou que, apesar da afirmação presente na Constituição brasileira de que a educação é um direito de todos, é preciso provar que ela está, de fato, sendo garantida ou, em suas palavras, concretizada. Já a relevância diz respeito ao tipo de conteúdo que é ensinado aos jovens.

Segundo Soares, a avaliação da concretização do direito à educação deve ser feita por três dimensões: o acesso, a trajetória regular e o aprendizado. Já a relevância do conteúdo deve respeitar as diferenças regionais do país.

— Cada região tem as suas especificidades, o que é natural, por causa da cultura. Eu vi o mar pela primeira vez aos 20 anos, minha mãe viu o mar aos 65. E o meu pai não quis ver o mar. Vocês no Rio veem o mar sempre – brincou

Soares, que é mineiro, em uma das ocasiões em que pontuou seu discurso com histórias bem-humoradas.

Segundo Soares, a dimensão territorial do Brasil faz com que os interesses dos estudantes muitas vezes sejam diferentes, de acordo com o lugar em que vivem. No entanto, há conteúdos que devem ser ensinados em todas as escolas.

— Nós precisamos definir quais coisas comuns são essas e nós não temos uma boa definição — disse, acrescentando que uma educação relevante deve estar associada a competências cognitivas, socioemocionais, práticas e valores éticos. — Um segundo ponto, que é importante, é que nós precisamos perceber que no país, agora, a educação é para todos. Quando a gente estava no ensino médio, isso era para poucos. Agora, é para todos. Mas tem escola que ensina de fato o relevante, e outra que não ensina. E a equidade é importante.

Soares defendeu a construção de uma base nacional comum curricular, demanda antiga de professores. Com esse conteúdo, no qual o governo começou a trabalhar recentemente, estará mais definido o que os alunos devem aprender em cada etapa.

— Base nacional comum não é currículo escolar. Não temos, de Brasília, que dizer como cada unidade vai funcionar. Mas temos que definir certas coisas que o aluno deve sair sabendo. Para isso, é preciso qualificação. Hoje, quem está na escola dos bons professores aprende corretamente. Mas quem não está não aprende — ponderou.

Soares pregou a necessidade de acesso a dados confiáveis de escolas para que sejam replicadas boas experiências educativas desenvolvidas isoladamente. Para o presidente do Inep, conhecer e imitar os bons exemplos é um dos caminhos para a necessária reforma de todo o sistema.

Ao longo de seu discurso, o conferencista citou metas previstas no Plano Nacional da Educação (PNE), aprovado em junho pelo Congresso. Um dos objetivos é a universalização do ensino infantil nos próximos dez anos. Hoje, de acordo com o Inep, 93% das crianças de 4 a 6 anos estão na pré-escola. Por outro lado, no ensino médio, a realidade é ruim: somente metade dos jovens de 15 a 17 anos está nesse estágio da educação formal, quando a meta é chegar a 85%. Mais: apenas 66% dos brasileiros de 16 anos terminaram o ensino fundamental, o que o próprio gestor considerou uma “situação preocupante”.

Soares comentou também dados do Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (Ideb), divulgados na véspera da apresentação. Os números de 2013 mostraram que o Brasil não teve avanço na média final do ensino médio, que ficou em 3,7, aquém da meta de 3,9. Nos anos finais do ensino fundamental, a meta era 4,4, mas a nota geral ficou em 4,2. Ele admitiu que o período final da educação básica sofre de problemas graves:

— Nos anos iniciais do ensino fundamental, observamos um avanço significativo desde 2005 (quando foi aferido o primeiro Ideb). Já nos anos finais do fundamental, o resultado é menos colorido. E, no ensino médio, temos um problema estrutural.

A dificuldade de alunos brasileiros lidarem bem com esse tipo de avaliação foi abordada em uma das perguntas da plateia. A autora da questão, uma professora, afirmava que os estudantes têm muito receio de serem avaliados e, então, indagava: de que maneira o Inep pode proporcionar essa reflexão e abrir esse debate nas escolas?

— Temos de distinguir duas dimensões: a da seleção e a da avaliação. A seleção é uma forma democrática de se fazer uma escolha quando não existem vagas para todos. O Enem, por exemplo, faz com que tenhamos um conjunto cada vez maior de alunos que estavam nos lugares mais diferentes e que conseguiram vagas nas universidades. O que não tira do Enem a dimensão da

seleção e, sendo seleção, vamos ter uma tensão. Já a avaliação é absolutamente fundamental. O aluno tem o direito de ser avaliado. Quando a criança não aprendeu, ela precisa ser ajudada. Não ajudar a criança que não aprendeu é uma forma sofisticada de exclusão. Há pedagogias que fizeram muito mal porque sugerem que a gente não tem de olhar para a pessoa e ver o que ela aprendeu. Gostaríamos que toda escola entendesse, do ponto de vista pedagógico, o que significa aquele resultado. E que a avaliação fosse capaz de, ao mesmo tempo em que apresentasse os resultados, dissesse de onde os resultados vêm.

Outra questão feita pela plateia era sobre como o Enem pode ser útil na reformulação do currículo escolar de forma que torne o ensino médio mais atrativo para o aluno. Soares defendeu que uma maior flexibilidade da dinâmica do ensino é fundamental nesse processo:

— Está claro, em relação ao ensino médio, que temos uma dificuldade estrutural. Oferecemos para jovens de 15 a 18 anos um pacote inteiro, sem flexibilidade alguma. Imagina o trabalhador que vai para o ensino médio noturno e tem de ir à escola todos os dias e fazer todas as disciplinas de uma vez. Mais do que isso, a proposta que temos é de quando a escola era para poucos, uma proposta totalmente propedêutica para quem vai para a universidade. Todos têm que ter oportunidade de ir à faculdade, mas você pode ser feliz sem ir à universidade. Nós precisamos de um ensino médio que também dialogue com o trabalho. O que estou advogando é que percebamos que, aos 15 ou 16 anos, seria legal que o adolescente recebesse certificações no ensino médio, além de ter portas da universidade abertas. Para isso, vamos precisar ter flexibilidade.

Inep

www.inep.gov.br

“O Brasil era uma república sem escolas. A gente saiu do império e se tornou uma república sem escolas para todo mundo, ao contrário de outros países da América Latina. Então como povo e país a gente tem que trazer essa dimensão.”

“A avaliação é fundamental. O aluno tem o direito de ser avaliado, porque, quando a criança não aprende, ela precisa ser ajudada. Não ajudar a criança que não aprendeu é uma forma sofisticada de exclusão.”

“O que nós oferecemos para ele (aluno de 16, 17 anos) é um pacote inteiro sem a menor flexibilidade. Imagina o trabalhador que vai para o ensino médio noturno, ele é obrigado a ir todos os dias à escola.”

“Em vários países do mundo, a autonomia da escola é muito maior. É muito comum a gente ver a escola administrando o seu orçamento, enquanto aqui no Brasil a escola está sempre dependendo das secretarias.”

“Dos jovens de 16 anos, só 66% terminaram o ensino fundamental. Por isso, temos que ter metas para mudar essa situação, que é muito preocupante, muito ruim.”


Educação para
todos em países em
desenvolvimento
SHUKLA BOSE



A defesa do afeto e da esperança marcou a conferência magna da indiana Shukla Bose, criadora da Fundação Humanitária Parikrma. A educadora chamou a atenção para o quanto os vínculos afetivos são importantes no processo educativo de crianças pobres, que precisam de muito mais do que obter conhecimento. Na instituição que coordena, a gentileza está entre as lições ensinadas a estudantes.

— Acreditamos em mágica e milagre. Os professores devem ser capazes de fazer o que parece possível apenas em contos de fadas – afirmou a indiana.

Shukla lamentou que, apesar da ascensão econômica de países em desenvolvimento, como o Brasil e a Índia, a diferença entre ricos e pobres está aumentando e, embora haja um aumento na taxa de alfabetização em muitas nações, o número de crianças que não vão à escola ainda permanece extremamente alto no mundo. Mais de 57 milhões de crianças não frequentam

unidades de ensino e pelo menos 250 milhões de crianças não sabem ler ou contar, mesmo frequentando escolas. Para Shukla, essas nações devem aprender umas com as outras estratégias para melhorar esse quadro:

— Todos sabemos que a educação é essencial para o desenvolvimento econômico. Cidadãos que conseguem ler, calcular e pensar criticamente têm oportunidades econômicas melhores, produtividade melhor e filhos mais saudáveis. Toda criança deveria ter a chance de ir à escola. Mas não se trata apenas de colocá-las em salas de aula, mas de ter certeza de que o que elas aprendem vai ajudá-las a aumentar suas oportunidades na vida. E, mais importante, elas devem se desenvolver como indivíduos com altos valores morais e sociais. Não é só ganhar conhecimento e habilidade, mas também serem indivíduos que possam se avaliar, ser felizes e sentir a alegria da vida. Pode soar esotérico ou demais para pedir. Mas é possível se a educação for projetada para desenvolver indivíduos, para motivar, encorajar e aperfeiçoar indivíduos, e não para desprezar, desaprovar e desencorajar qualquer um. Uma educação de alta qualidade ajuda cidadãos a trabalhar juntos para criar instituições e sociedades mais fortes.

No entanto, ela alerta para o fato de que cada sociedade tem a sua forma de alcançar bons resultados em educação. Não existe uma fórmula única:

— É muito importante que a gente entenda: nem tudo que funciona nos Estados Unidos e no Reino Unido necessariamente tem de funcionar no Brasil, na Índia, na China ou na Malásia.

A indiana defendeu que escolas “sensíveis e progressistas” devem desenvolver, nas populações pobres, habilidades que se tornaram necessárias no século XXI. E argumenta que, para ser autêntico, o ensino não deve se limitar ao desenvolvimento profissional e à preparação para o ambiente de trabalho. Os currículos escolares devem ser integrais, interdisciplinares e, ainda, voltados para competências exigidas pelo mundo contemporâneo. Ela usou como

exemplo as “sete habilidades de sobrevivência” descritas pelo especialista em educação de Harvard Tony Wagner em seu livro “The global achievement gap”. Shukla listou essas aptidões — pensamento crítico e resolução de problemas; colaboração em rede e liderança por influência; agilidade e adaptabilidade; iniciativa e empreendedorismo; comunicação escrita e oral eficaz; acessar e analisar as informações; curiosidade e imaginação —, acrescentando a elas um oitavo item: a empatia.

— Os professores não somente deveriam ter empatia para com os seus alunos, mas eles precisam também desenvolver essa empatia. Você pode ensinar as pessoas a amar. Isso não é simplesmente uma habilidade inata, mas também uma habilidade que pode ser ensinada e nutrida, num ambiente educacional que apoia a criança. Nas escolas em que as habilidades interpessoais são valorizadas, os alunos interagem com os seus pares, porque se sabe que eles aprendem melhor quando há um relacionamento positivo no seu entorno. Desenvolver esse tipo de relacionamento requer a habilidade de empatia, como ouvir os outros, compreender pistas verbais e não verbais, e ser paciente e tolerante um com o outro. Os alunos querem e merecem mais da educação. É uma interpretação mais profunda de uma habilidade de se conectar e construir relacionamentos significativos com outros. É possível incluir isso no currículo. Padrões que se relacionam à empatia podem ser encontrados nos estudos do campo da História, do Inglês e da Saúde, por exemplo.

A educadora voltou ao tema ao ser perguntada pela plateia sobre casos de violência nas escolas. O espectador se referia às dificuldades enfrentadas por estudantes e professores dentro de unidades brasileiras. Shukla usou o exemplo da Fundação Parikrma para sugerir como é possível superar essa questão:

— Entendo que isso é um problema na maioria dos países em desenvolvimento. Mas, acreditem em mim, nós não temos esse problema na nossa escola. Acho que o modo como disciplinamos as nossas crianças, como

nós comunicamos as expectativas para elas e como nós somos pacientes é o que nós conhecemos como amor. Falo aos meus professores que, se os alunos os amarem, não vão querer desapontá-los. Onde já há violência, erradicá-la deve ser uma questão de longo prazo. Se você é gentil com a criança, ela será gentil com você.

Hoje, sua Fundação — uma organização não governamental — oferece ensino gratuito a 1.600 crianças em quatro escolas. O projeto, cujo nome significa algo como “uma revolução completa”, foi fundado há 11 anos pela ativista, logo após ela abandonar a carreira de executiva de mais de 20 anos numa multinacional. Este ano, a fundação, localizada em Bangalore, a quarta cidade mais populosa da Índia, inaugurou uma academia de formação de professores que atende cerca de dois mil educadores.

Os bons resultados de sua iniciativa são alcançados por meio de um trabalho intenso com a comunidade e com as famílias. A ideia é lidar com todas as necessidades das crianças: as escolas ficam abertas inclusive nos feriados, garantem que os alunos façam sempre três refeições por dia, recebam cuidados com a saúde, além de manter uma relação próxima com as famílias dos jovens. Há até parcerias com ONGs para reabilitar pais alcoólatras.

— Nós acreditamos na família, em valores, e damos muita importância a relações pessoais. Não devemos perder isso — afirmou a educadora.

Quando ainda era uma estudante, Shukla trabalhou como voluntária ao lado de Madre Teresa de Calcutá por sete anos. Um espectador da conferência pediu que ela contasse mais sobre como a convivência com a líder religiosa transformou a vida da educadora.

— Uma das coisas que aprendi com ela foi a humildade. Apesar de todo o reconhecimento que ela tinha, continuava a ser muito humilde e simples. Tento desesperadamente adquirir simplicidade — disse a conferencista.

Fundação Parikrma

www.parikrmafoundation.org

“Não precisamos ser tão especialistas na área para compreendermos e pensarmos na educação. Tudo que precisamos é de insight, sinceridade e muito senso comum. Países em desenvolvimento, como Brasil, Índia e China, têm lutado contra a pobreza por muitas décadas. E há mais semelhanças que diferenças entre esses países.”

“Passei por muitas transformações nos últimos 15 anos. Eu era uma CEO bem-sucedida. Comecei a lidar com essas questões com muita arrogância, dizendo que eu sabia tudo. Tive primeiro que desaprender tudo que eu sabia.”

“Minha vida corporativa me ajudou a abrir portas. Os patrocinadores pensam que, porque eu vim do mundo corporativo, vou usar o dinheiro de uma forma mais eficiente, que é o que tento fazer. Nós temos o custo administrativo de 6%, o mais baixo do país.”

“Nossos critérios de seleção são muito simples: as crianças têm que ser as mais pobres de todas. Foi uma coisa que aprendi com a Madre Teresa. São crianças que nunca teriam frequentado a escola. Elas teriam começado a trabalhar ou, muitas delas, já teriam morrido por falta de saúde.”

“Também dou muita importância às meninas. Eu não recebo os meninos de uma família se as meninas da mesma família não puderem frequentar a escola.”

mesas plenárias



Anna Penido e José Morais

GRANDES TENDÊNCIAS

Mediador: **Rafael Parente**

A globalização, as novas tecnologias de informação e comunicação e as novas descobertas das neurociências decretaram a falência do modelo atual de educação e a necessidade urgente de novos modelos. A mesa plenária “Grandes tendências para a transformação da educação” teve a participação do neurocientista e professor universitário José Morais, da diretora do Instituto Inspirare, Anna Penido, do vice-diretor do Instituto de Desenvolvimento Educacional da FGV, Stavros Panagiotis Xanthopoylos, e do idealizador e coordenador da Escola da Ponte, José Pacheco.

José Morais criticou as correntes de alfabetização mais utilizadas no Brasil e fez um apelo para que educadores seguissem mais as conclusões científicas. José Pacheco defendeu que o Brasil é o novo celeiro de inovações educacionais e que não precisamos seguir os “fósseis” europeus na reciclagem de teorias pedagógicas. Já Anna Penido, chamou a atenção para a personalização do processo de aprendizagem para interesses e necessidades de cada aluno. E, claro, com o auxílio de ferramentas digitais. Para Xanthopoylos, os educadores precisam deixar o papel de transmissores de conteúdo e assumir a função de facilitadores da aprendizagem.

Numa coisa todos concordam: é urgente a mudança dos modelos educacionais vigentes, e as novas tecnologias e descobertas científicas devem ser utilizadas para isso. Há uma clara percepção de que a maioria dessas tendências não é modismo e, de fato, veio para ficar.



Stavros Panagiotis Xanthopoylos

O vice-diretor do Instituto de Desenvolvimento Educacional da FGV chamou a atenção para a globalização dos novos tempos, propiciada pela internet. Para ele, o mundo virtual é um caminho sem volta, e cabe aos educadores saber como aproveitar as novas ferramentas. Xanthopoylos explicou que, se no passado o professor era transmissor de conteúdo, agora o profissional assume a função de "tecnopedagogo", ou seja, um facilitador do conhecimento. Ao colaborar, será autor de um processo educativo.

— Hoje eu tenho o aluno, o professor e o conteúdo. No futuro, eu vou ter que cruzar tudo isso. Qualquer aluno com um professor com qualquer conteúdo.

Ele defendeu ainda uma modalidade que é fruto da união entre internet e a educação: o ensino à distância.

— Aqui o mercado ainda tem reservas em contratar pessoas que fizeram cursos à distância. Mas eu digo que, na Europa, ocorre o oposto. Alunos com essa formação são mais disciplinados, sabem manejar tecnologias, trabalham em grupo e têm outras qualidades que o europeu já percebeu.



Anna Penido

Diretora do Instituto Inspirare, Anna Penido levou “boas notícias” à plateia. Jornalista por formação, ela é uma das coordenadoras do Porvir, primeiro site brasileiro a reunir iniciativas inovadoras na área da educação. Com esse banco de dados, ela mostrou tendências já observadas ao longo de seu trabalho, como softwares pedagógicos, pelos quais o desempenho do aluno é calculado a cada exercício que ele faz e, com isso, novas técnicas de aprendizagem podem ser produzidas para atender especificamente às suas necessidades:

— O nome disso é personalização. Quando fazemos pesquisas no Google, o programa já traça nosso perfil e acaba nos indicando algo mais voltado para o que queremos saber.

Anna explicou como essas ferramentas podem ser adaptadas para a sala de aula, aumentando as possibilidades de aprendizado:

— Da mesma forma, novas tecnologias já permitem que o aluno tenha um ensino mais voltado para as suas demandas, a cada exercício ou jogo educativo que a criança faça. É a era do ensino personalizado, mais eficiente.



José Morais

Uma educação mais aberta à ciência. Foi o que o neurocientista português José Morais, professor da Universidade Livre de Bruxelas, pregou durante sua palestra. Ele criticou o modelo de alfabetização do Brasil, que entenderia a linguagem não como um código, mas como uma notação.

— A alfabetização no Brasil requer, entre outras medidas, uma mudança radical em suas opções pedagógicas.

Morais combate a teoria de que a alfabetização pode se dar de modo natural, uma vez que a criança está imersa em um ambiente linguístico. Segundo ele, isso é um erro porque, desse modo, o aluno não seria capaz de perceber as sutilezas de cada fonema:

— Além disso, uma pessoa só consegue ler o texto depois de identificar ao menos 95% das palavras ali contidas. É por isso que eu peço apenas a coerência de educadores e autoridades educacionais para que se dê mais valor ao fonema e

se escute a ciência. Estudos científicos comprovam que os alunos capazes de fazer as melhores representações conscientes do fonema são os que melhor aprendem a decodificar as palavras e se tornam melhores leitores de textos.



José Pacheco

O Brasil pode revolucionar seus modelos educacionais sem precisar olhar para exemplos que vêm de fora. A mensagem partiu do educador português José Pacheco, responsável pela criação da Escola da Ponte, que desde a década de 1970 inova ao dar autonomia pedagógica aos alunos em Portugal.

Ele mostrou que teorias pedagógicas consagradas pela academia devem ser recicladas com urgência. A partir de um vídeo sobre o Projeto Âncora, realizado em Cotia (SP), em que alunos escolhem as disciplinas que vão estudar e traçam seus planos de estudos e linhas de pesquisa, mostrou também como a Escola da Ponte já coleciona bons resultados no estado de São Paulo.

— Sempre escutei falar que projetos de sucesso como o da Ponte só deram certo porque foram aplicados em países de primeiro mundo. Quis mostrar o vídeo para provar que isso é mito, é falso. Tudo o que o Brasil precisa para mudar, ele já tem: os próprios brasileiros.

Pacheco enfatizou as ideias inovadoras do Brasil, prevendo que ainda conquistarão o mundo:

— Prevejo uma nova tsunami educacional que vai surgir do Sul, no interior do Brasil, e vai arrasar o Hemisfério Norte.



Maria do Pilar, Mozart Neves Ramos e Brian Perkins

EDUCAÇÃO E SOCIEDADE

Mediador: **William Helal Filho,**
editor do GLOBO

“O professor mais bem pago deste país deveria ser o alfabetizador.” A frase de Mozart Neves Ramos, diretor do Instituto Ayrton Senna, foi pontuada por aplausos durante a mesa plenária “Educação e sociedade”, que apresentou percalços e soluções para a educação, como a mobilização da sociedade.

O Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (Ideb), por exemplo, é esperado, todos os anos, por gestores das escolas públicas. Mas nem sempre foi assim, por um motivo simples: esse indicador foi criado em 2007. Antes disso, não havia instrumentos para se medir a qualidade do ensino.

Ramos participou do embrião desse indicador quando fez parte, no ano anterior, da criação do movimento Todos Pela Educação, que buscava fazer com que as pessoas percebessem a educação como uma prioridade.

E o ensino de qualidade deve ser para todos, foi o que destacou Maria do Pilar Lacerda, ex-secretária de Educação Básica do MEC e diretora da Fundação SM/Brasil:

— É preciso mobilização para garantir a equidade, que é o maior sinal de qualidade social que se tem.

Quanto ao tempo de se atingirem bons resultados em educação, Brian Perkins, pesquisador da Universidade de Columbia, garante que é longo:

— Estamos falando de desenvolvimento humano, e isso demora. — Mais um motivo para se afirmar que a escola, para funcionar com qualidade, precisa estar integrada à comunidade.



Mozart Neves Ramos

A pressão da sociedade civil faz com que o gestor público coloque a educação como prioridade de um governo. Esse é o diagnóstico feito pelo diretor do Instituto Ayrton Senna e ex-secretário de Educação de Pernambuco.

— Se não houver pressão da sociedade, o gestor público trata a educação como importante. Mas isso não basta: tem que ser prioridade — defendeu Ramos.

O gestor destacou que a população brasileira está progressivamente se interessando mais pela educação. Para ele, o tema passou do 7° para o 3° lugar no ranking de prioridades, comparando pesquisas do Ibope de 2006 a 2013. Além disso, ele acredita que o caminho para o desenvolvimento da área é a definição de metas.

Essa perspectiva foi o que o motivou a participar, em 2006, da criação do movimento Todos Pela Educação, que trabalha para alcançar metas até 2022: toda criança e jovem de 4 a 17 anos na escola; toda criança plenamente

alfabetizada até os 8 anos; todo aluno com aprendizado adequado ao seu ano; todo jovem com ensino médio concluído até 19 anos; e investimentos aplicados e bem geridos.

— Você não mobiliza pessoas se não tiver um norte — afirmou.



Maria do Pilar da Lacerda

A participação de outros agentes na educação ganhou destaque na exposição feita pela ex-secretária de Educação Básica do MEC Maria do Pilar Lacerda, atual diretora da Fundação SM/Brasil. Ela lembrou a experiência que teve em sua gestão como secretária de Educação de Belo Horizonte (2002 a 2007), quando, durante uma greve de professores, recebeu pais que queriam apresentar as próprias demandas. A partir daí, começou a rotina de um encontro por mês que reunia entre 200 a 500 responsáveis. Essa iniciativa trouxe benefícios a partir de um ideal de educação democrática.

— A escola mostrar que se importa é significativo. O olhar afetivo do professor é muito importante, e essa proximidade faz diferença — afirmou a educadora.

Maria do Pilar indicou algumas maneiras de aumentar essa participação e o interesse de pais pela educação. Uma das iniciativas bem-sucedidas que conheceu foi em uma escola de Belo Horizonte, onde os pais dos alunos se

responsabilizaram em construir sofás para uma sala de leitura:

— Essa era uma função do Estado, mas os pais fazendo dão outra dimensão para a importância da leitura.



Brian Perkins

O desenvolvimento da educação requer investimentos a longo prazo, segundo Brian Perkins. Para o pesquisador americano, o tempo do mandato de um governante do Executivo é de apenas quatro anos — muito pouco para querer resolver as questões da área:

— Tem que mudar a mentalidade individual de querer a solução rápida. Temos que pensar em 20 anos, e um dos aspectos mais importantes nesse sentido é desenvolver o profissional da educação.

O pesquisador aconselhou uma mudança na lógica do atual modelo de investimento em educação. Hoje os governos injetam mais dinheiro no fim do caminho, o ensino médio. Para ele, o aporte financeiro nos primeiros anos da educação básica refletiriam resultados melhores no final da jornada escolar:

— Criei um programa em que o aluno não passava da 3ª, da 5ª e da 8ª se não tivesse um determinado nível de leitura e fui muito criticado pela possibilidade de reprovação de crianças tão novas. Oito anos depois, essa geração de estudantes apresentou resultados muito melhores no ensino médio. Isso deixou claro que vale a pena aumentar os investimentos na educação básica.



Viviane Mosé, Aparecida Lacerda e Tião Rocha

EDUCAÇÃO DE ALMA BRASILEIRA

Mediador: **Antônio Gois** ,
colunista do GLOBO

O menino tinha uma tia rainha. Na escola, tentou falar para professores sobre sua adoração pela parente real. Mas, tendo aparência distante do que os docentes idealizavam da aristocracia, o garoto foi ignorado. Já adulto, estudou Antropologia para resgatar a memória da tia Perpétua, rainha do congado. O dono dessa história é o educador Tião Rocha, que contou o causo como um exemplo do que acontece em boa parte das escolas brasileiras, que ignoram o conhecimento que os alunos trazem de casa.

O respeito à diversidade ganhou destaque na mesa plenária da qual participaram também a filósofa Viviane Mosé e Aparecida Lacerda, gerente-geral de Educação Profissional da Fundação Roberto Marinho. Viviane lembrou que a educação pública brasileira é historicamente recente, já que o ensino alcançava uma pequena parcela da população até a segunda metade do século XX. Agora, afirmou Viviane, é o momento de enfrentar a fragmentação do ensino e os modelos de gestão. E Aparecida apresentou resultados positivos de ações voltadas para as realidades específicas.

Mostrar para as populações o valor que ações coletivas têm em espaços de tomadas de decisão talvez seja um dos maiores desafios dos educadores. Empoderamento é um assunto que Tião Rocha conhece bem, com direito a adaptações bem-humoradas às linguagens locais.

— Lá no sertão de Minas, a gente chama de “empodimento” — disse o príncipe do congado.



Aparecida Lacerda

Uma educação para o desenvolvimento do ser. Assim deve ser o ensino da alma brasileira para Aparecida Lacerda. A gerente-geral de Educação Profissional da Fundação Roberto Marinho afirmou que isso é possível quando o contexto do aluno é levado em consideração pela escola:

— O desenvolvimento do ser acontece quando a problematização do mundo faz parte da sala de aula como elemento fundamental para a compreensão dos conteúdos propostos. A formação humanizadora e a presença dos elementos culturais são imprescindíveis na estruturação do currículo e na dinâmica pedagógica se pretendemos uma educação para este desenvolvimento.

A formação dos docentes é estruturante para que eles possam exercer seu potencial transformador na sala de aula. Durante as formações, os professores refletem sobre a base teórica que fundamenta a metodologia e vivenciam as práticas que serão desenvolvidas com os estudantes.

Segundo a gestora, os educadores precisam atuar de forma competente e autônoma na construção da autonomia dos estudantes.



Viviane Mosé

Uma linha de montagem de uma fábrica. Assim Viviane Mosé definiu a escola do país. A educadora e filósofa explicou que, assim como um operário da indústria corta, e um outro cola, por exemplo, nas unidades escolares um professor explica Português, um outro, Matemática, e, dessa forma, os conteúdos não são ensinados de forma unificada e contextualizada:

— A gente sai do ensino médio com um mundo completamente esfacelado e fragmentado.

Para Viviane, há um afastamento entre os ensinos fundamental, médio e superior. O isolamento entre esses segmentos é nocivo ao aprendizado. No entanto, o horário integral, apontado por alguns como uma resposta para essa questão, para ela não é, necessariamente, a solução:

— Aumentar as horas em que a criança está na escola não ajuda em nada a diminuir a fragmentação do ensino. Não sou contra a escola integral, mas temos de dar conta do nosso horário primeiro. É preciso cumprir 800 horas por ano em 200 dias, o que dá quatro horas de aula por dia. A grande maioria dos municípios não oferece porque a aula atrasa ou termina antes. Então, dar horário integral é fugir do nosso problema.



Tião Rocha

Criador do Centro Popular de Cultura e Desenvolvimento, Tião Rocha acredita que o professor é elemento central no aprendizado. Depois de anos dando aula no ensino superior, ele resolveu partir para o sertão de Minas Gerais e se dedicar à educação de crianças. Em Curvelo, descobriu ser possível dar aulas embaixo de um pé de manga.

— É possível, sim, fazer educação sem escola. Mas é impossível fazer boa educação sem bons educadores. E a educação é uma coisa que só acontece no plural. Não existe educação no singular. Para que haja educação, é necessário, no mínimo, duas pessoas, o eu e o outro. Educação não é o que eu tenho ou o que o outro traz, mas o que a gente troca.

Rocha, inclusive, faz questão de se apresentar como educador.

— A diferença é que o professor é aquele que ensina, e o educador é aquele que aprende – explicou.

O educador acredita que ver a educação brasileira sob uma ótica mais positiva pode ajudar a melhorar o desempenho do ensino do país:

— Acho que temos de aprender é a olhar para o lado cheio do copo. Parar de olhar só para o lado vazio e fazer diagnóstico de carência. Carentes somos todos nós.



Gustavo Ioschpe, Pedro Bial e Ismar de Oliveira Soares

MÍDIA E EDUCAÇÃO

Mediador: **Octavio Guedes,**
diretor de redação do EXTRA

Pergunta 1: “Por que a mídia prefere as notícias negativas e deu pouca ênfase para a conquista, por parte de um brasileiro, do prêmio equivalente ao Nobel da Matemática?” Pergunta 2: “Por que a mídia gastou tanto espaço com a conquista do Nobel de Matemática quando deveria abordar mais os problemas da educação?”

Esse foi apenas o sentido (e não a construção literal) das duas primeiras perguntas que pousaram nas mãos do mediador durante o painel “Mídia e educação”. Uma prova de como a abordagem de uma mesma notícia pode ser interpretada de forma distinta pela audiência. E um indicativo de como seria desafiador, quase impossível, para o jornalista Pedro Bial, o economista Gustavo Ioschpe, o professor Ismar de Oliveira Soares e a diretora do Canal Futura, Lúcia Araújo, debaterem temas que volta e meia são associados à paixão: o ofício de ensinar e o de comunicar.

A seguir, algumas frases pinçadas no debate:

“Para eles (pais de alunos que não tiveram formação escolar), uma escola boa tem vagas, merenda, uniforme, livros e professores que não faltam tanto. Mas não avaliam o conteúdo que os filhos aprendem”, disse Ioschpe.

“A imprensa tem que deixar os extremos na cobertura de educação, como a ‘escola que caiu’ ou o ‘herói que transformou algum lugar’. É preciso valorizar as pequenas conquistas do cotidiano”, defendeu Lúcia.

Qual delas valeria a manchete deste artigo? Com a palavra, a audiência.



Pedro Bial

Pedro Bial foi direto para apresentar o seu objetivo no Educação 360:

— Estamos fartos de diagnósticos, já os temos demais, e quero saber aqui do que pode dar certo.

Ele percebe que o Brasil vive um momento em que precisa de um “esforço de guerra” para alcançar uma educação de qualidade. Isso seria, na visão dele, uma situação em que todas as instâncias da sociedade “consagram parte ou toda a sua energia e recursos a uma só causa”. A mídia, claro, também tem sua parcela de responsabilidade, que para o autoconsiderado pragmático Bial passa por resgatar a “mitologia da escola”.

— Falo da eterna saudade da escola, da mitologia dos professores lendários, que inspiram narrativas arrebatadoras inesquecíveis. É reconhecer a demanda pública por heróis. Heróis que estão aí às pencas no cotidiano da guerra pela educação brasileira. É da natureza da mídia reconhecer e, reconhecendo, assim, construir heróis. Essa talvez seria uma das funções mais nobres e naturais da mídia nesse esforço de guerra: projetar no imaginário nacional luzes sobre os heróis da educação — propôs Bial.



Lúcia Araújo

Uma única frase do poeta irlandês Yates já dá conta do desafio de nortear os caminhos do Canal Futura: “A educação não deveria ser o balde que contém, mas a chama que incendeia.” Esse é, segundo a diretora da emissora, Lúcia Araújo, o objetivo da empresa, que para isso “pirateia a si mesma”, como brincou a palestrante, por distribuir material pedagógico em vídeos e textos, por meio da internet.

— A gente une quem produz televisão a uma malha de agentes sociais, que passam por ONGs, agentes de políticas públicas, por instituições de referências e universidades — explicou Lúcia Araújo.

A diretora do Futura apresentou um panorama bem-sucedido da emissora: são 50 milhões de espectadores que recebem o sinal do canal. Segundo Lúcia, metade dos educadores do Brasil está incluída nessa estatística:

— Isso cria um círculo virtuoso: uma TV onde o conteúdo é apropriado por uma equipe de mobilização comunitária no Brasil. Se o Canal Futura puder contribuir para essa chama que incendeia em sala de aula, acho que a gente está cumprindo bem a nossa função — resume.



Ismar de Oliveira Soares

O educomunicador é o profissional responsável por estimular os alunos a produzir conteúdo de mídia. Essa foi a definição dada pelo entusiasta e pesquisador da ideia Ismar de Oliveira Soares, da Universidade de São Paulo (USP). Ele afirmou que o estudante passa a ter mais capacidade de analisar os discursos midiáticos e ainda se envolve mais com o seu próprio processo de aprendizagem quando se relaciona dessa forma com a escola:

— Esse processo permite que as crianças passem a ser autoras. O uso da mídia no espaço escolar, a partir da perspectiva de educomunicação, tem resultados que vão além do próprio domínio da mídia. A criança passa a gostar, a participar

e a crescer junto com a escola. Ela vira protagonista da construção da sociedade onde vivemos.

O especialista defendeu que há uma vontade nas novas gerações de estudantes de participação na comunicação. Isso se deve à intimidade das crianças com as novas tecnologias, que facilitam essa produção de conteúdo.

— Isso causa uma melhoria da escola, dos processos comunicativos e ainda garante o direito da comunicação, que é um direito universal — explicou.



Gustavo Ioschpe

O economista Gustavo Ioschpe aposta na comunicação de massa para o desenvolvimento da educação pública brasileira. Ele defende que a TV e o rádio precisam mostrar que as nossas escolas “são uma porcaria” e que, só assim, os pais vão perceber o real problema na área e aumentar a pressão social por soluções.

Uma pesquisa do MEC, citada por Ioschpe, afirma que os pais dos alunos estão satisfeitos com a educação recebida pelos filhos nas escolas públicas. O estudo, feito em 2007, pedia para os responsáveis dos estudantes darem notas para a

escola. A média da qualidade de ensino ficou em 8,6. No mesmo ano, a do Ideb ficou em 3,2. Esse, na opinião do economista, é o retrato do problema que a comunicação tem que combater:

— Temos uma educação africana e uma percepção finlandesa. Esses pais têm em média quatro anos de estudo e, por isso, não têm condições de avaliar a educação que seus filhos estão recebendo. Esse é o papel da TV e do rádio: mostrar que as nossas crianças estão sendo enganadas. Elas estão sendo sacaneadas, para falar em bom português.



Seja no Brasil ou no mundo, o que não falta são boas histórias sobre educação. Nos dois dias do Educação 360, foram apresentados 37 estudos de casos selecionados de várias regiões do país e dois casos internacionais: escolas com modelos pedagógicos diferenciados, projetos inovadores, iniciativas de professores para estimular seus alunos, enfim, gente que não está à espera de que um dia a educação melhore, mas que faz a sua parte para isso.

estudos de casos

COMO APRENDER FÍSICA BRINCANDO

Douglas de Melo Silva, de 27 anos, mostrou que a criatividade pode ser uma grande aliada na hora de ensinar Física. O professor criou uma série de atividades que mudaram a forma de avaliar seus alunos. Uma delas foi um jogo de tabuleiro, Túmulos Físicos, que ajuda os estudantes a assimilar, de maneira lúdica, o conteúdo do ano letivo.

Todo confeccionado pelo professor, o jogo é inspirado no tradicional Banco Imobiliário. Mas, em vez de comprar casas, títulos de propriedades ou hotéis, os alunos adquirem covas, lápides e mausoléus de físicos famosos, como Albert Einstein, e cada carta corresponde a uma pergunta de Física.

— Assim, eles passam a conhecer as pessoas relacionadas a este universo — explicou o professor, que atua como banqueiro e avaliador, já que ele também atribui nota aos alunos, pela maneira como participam da atividade.

Ele usa o jogo como prova nas 18 turmas em que leciona nos municípios de Niterói e São Gonçalo. A experiência ajudou os alunos a aprender conceitos como peso, massa e temperatura e, de quebra, conseguiu melhorar as médias, que foram de 5 para 8, no Ciep George Savalla Gomes — Palhaço Carequinha, em São Gonçalo.

O uso do jogo de tabuleiro nas aulas, que começou em 2013, foi tão bem aceito que já está sendo aplicado em outras escolas, por outros professores.

— Sei que já tem professor adaptando para Geografia e Matemática. A ideia é que se dissemine mesmo — afirmou Silva.

Além do jogo de tabuleiro, o professor desenvolve experimentos, pelos quais o aluno entra em contato com a Física de forma direta, como a produção de uma pilha feita com frutas.

— Assim eles aprendem que dentro das frutas tem energia. É importante problematizar situações do cotidiano dos alunos. Eles precisam ver onde aplicam aquilo que estou ensinando. Por exemplo: fiz com eles um circuito com limões. Agora, eles sabem que podem ligar uma TV com limão. Tudo bem que vão precisar comprar uns 300, e a televisão só vai piscar, mas eles já sabem da possibilidade – afirmou, provocando risos no público.

Da plateia, a professora Fátima Cristina Magalhães, de 38 anos, aproveitou para compartilhar sua experiência. Professora do Colégio Estadual Erich Walter Heine, em Santa Cruz, Zona Oeste do Rio, ela usa o xadrez na aula de Prática Administrativa.

— Eu os instigo a procurar as regras para aprender a jogar. Isso já é muito bom porque incentivo, assim, a busca pelo conteúdo. Há também outros benefícios, já que melhora a concentração e a interação social — comemorou Fátima.



“Alguns alunos já me contaram que estão pensando em criar jogos, e eu apoio. Digo a eles que têm que tentar mesmo.”

PROF. DOUGLAS DE MELO

douglas_termodinamica@ig.com.br

EM BUSCA DOS ALUNOS QUE FALTAM ÀS AULAS

No Colégio Estadual Raul Vidal, em Niterói, se o aluno não vai à escola, a escola vai até o aluno. Só no último ano, a diretora Antônia Crispim reintegrou 181 alunos faltosos à sala de aula. A ação faz parte do programa de combate à evasão escolar da Secretaria estadual de Educação.

— Nós temos que combater as faltas antes que elas se transformem em evasão escolar — afirmou Antônia Crispim.

O trabalho de Antônia conta com o apoio fundamental dos alunos, já que o monitoramento da frequência do grupo fica a cargo do representante de cada turma. Toda sexta-feira, é entregue à diretora uma lista com os nomes dos alunos faltosos.

— Se o aluno faltou três dias durante a semana, eu ligo o meu alerta. O primeiro passo é telefonar para esse aluno — contou a diretora.

Essa abordagem é feita por meio de um telefonema. Mas, se a estratégia não surte efeito, Antônia parte para o resgate domiciliar. Para a tarefa, a educadora recrutou 14 alunos da escola que formam o time de visitadores.

— A visita de um colega levanta a autoestima do aluno faltoso — garantiu Antônia. — O time de visitadores é formado por jovens que já faltaram muito às aulas.

Ausência de motivação, falta de acompanhamento dos pais e dificuldade na aprendizagem são algumas das razões por trás das faltas. Muitas vezes, o aluno que está fora da escola ingressa no mercado de trabalho para complementar a renda familiar.

— Uma vez fui visitar uma aluna faltosa no Ceasa (Central de Abastecimento, em Irajá, Zona Norte do Rio), onde ela estava trabalhando. Mas ela não voltou para o colégio — contou a diretora. — Ela morava num lar que não correspondia às exigências do Estatuto da Criança e do Adolescente, então tive também que conversar com sua família.

Claudeluci Montalvão, de 18 anos, faz parte do time de visitadores. A aluna do 3º ano do ensino médio contou que o trabalho de resgate exige muito cuidado. Afinal, o colega faltoso não deve se sentir pressionado:

— Eu tento mostrar para ele a importância de se estar na escola, a falta que ele faz na turma. Não chego ao domicílio pedindo justificativas. Busco apontar exemplos. Falo do meu pai e da minha mãe, que não têm estudo e "batem muita cabeça" para sobreviver até hoje.

Antônia costuma dar o seu número de telefone para os alunos. Uma forma de estabelecer mais um canal de comunicação com o grupo e monitorar sua frequência:

— Avisamos sempre se vamos faltar ou chegar atrasados. Já estudei em escolas onde só fui conhecer o diretor no meio do ano — revelou Claudeluci.



“A presença dos pais na escola é fundamental. Por isso, criei o café com os familiares. Os encontros acontecem bem cedo, então todos podem comparecer.”

ANTÔNIA CRISPIM,

DIRETORA DO C.E. RAUL VIDAL

antoniacrispim@hotmail.com

PROJETO DE LEITURA NA ILHA DE MARAJÓ

Era uma viagem de escola, e o estudante carioca Luis Carlos Guedes, então com 16 anos, em 2012, chegou à Ilha de Marajó, no Pará, achando que encontraria belezas naturais e muita pobreza. Mas Luti, como é chamado pelos amigos, enxergou além e quis transformar de alguma forma a vida da comunidade ribeirinha de São Miguel, no município de Portel. De lá para cá, criou uma biblioteca e projetos sustentáveis que desenvolvem a comunidade. Mais: construiu com os moradores uma escola para educação infantil e ensino fundamental.

Até então, os alunos tinham que viajar de barco quatro horas por dia, para chegar ao colégio mais próximo. Hoje, a escola de São Miguel tem pouco mais de cem estudantes e seis professores cedidos pela prefeitura.

Graduando de Direito na PUC-Rio, Luti tem 21 anos agora e inspirou a plateia com sua história. Ele é o único jovem embaixador da ONU na América Latina para Cidadania Global e Educação e foi ganhador do Prêmio Faz Diferença 2013 pelas iniciativas na região.

Para resolver a falta de dinheiro para a construção da escola, Luti correu atrás de doações e trabalho voluntário:

— O mais incrível da nossa escola é que ela foi construída pelo Ronildo, pelo Ramon, pela Socorro, pela Araci... Foram eles que fizeram a escola onde estudam seus filhos e seus irmãos mais novos. Foi aí que eu aprendi que a escola não é o espaço físico, é um lugar de espaço e tempo das nossas vidas onde a gente aprende.

O acervo da biblioteca Sonho de Papel foi montado com 300 livros doados no Rio, que Luti levou nas malas a cada volta à comunidade. Os amigos brincavam: “Lá vem o Luti sem fronteiras”, e a expressão acabou nomeando a ONG criada por ele: Lute sem Fronteiras, com a ajuda do Instituto Azzi, que tem como objetivos mostrar a Amazônia do ponto de vista de quem vive lá e desenvolver a comunidade.

Segundo Andrei Pinheiro, coordenador da biblioteca, a população agora tem sonhos. Ele, que ficou quatro anos sem estudar, está terminando o ensino médio aos 21 e quer ser engenheiro florestal:

— Eu era daqueles que tinham preguiça de ler, que escolhiam os livros mais finos. Quando pensamos na biblioteca, ficamos em dúvida se a galera ia mesmo gostar. Me surpreendi porque todos gostam muito de ler e eu já até escolhi um livro bem volumoso!

Um aluno da Escola Sesc que estava na plateia ficou especialmente sensibilizado. Paraense da Ilha de Cotijuba, Gabriel Lira, de 16 anos, viveu as mesmas dificuldades dos meninos de São Miguel:

— Sei o quanto é difícil ter que estudar longe de casa, para onde você faz uma verdadeira viagem de barco para chegar. Isso atrapalha o aprendizado.



“Eu aprendi que para acontecer educação é preciso ter uma pessoa disposta a ensinar e outra disposta a aprender, não é uma questão de dinheiro. O mais incrível desta escola é que não fui eu que fiz, nem a prefeitura, mas todos eles.”

LUIS GUEDES,

CRIADOR DA ONG LUTE SEM FRONTEIRAS

http://lutesemfronteiras.tumblr.com

LITERATURA INFANTIL PODE SER COISA DE ADULTO

A história do Instituto Ler É Abraçar começou há oito anos, quando suas fundadoras, as educadoras Rona Hanning e Carolina Sanches, foram convidadas a desenvolver um programa de leitura com 250 crianças, em um abrigo do Méier, na Zona Norte do Rio de Janeiro. Desde então, o projeto cresceu, ganhou uma sede na Tijuca e, além de continuarem trabalhando com crianças, elas tentam envolver os adultos no mundo da literatura infantojuvenil, organizando encontros mensais no local.

— Há algumas décadas, o desafio era ter o livro nas bibliotecas. Havia pouco material de literatura infantojuvenil disponível no Brasil. Hoje, a batalha é outra: fazer com que o livro, que já está nas escolas, chegue até as pessoas, sensibilizando-as de alguma forma — afirmou Rona Hanning.

Para Rona, é importante acabar com o preconceito que os adultos têm de que a literatura infantojuvenil é algo menor:

— É preciso entender que ela nos motiva a olhar para a vida. A narrativa, mesmo através de imagens, está na nossa vida para lembrar que existimos, que temos mais que apenas um instinto de sobrevivência. Mesmo que sejam delicadas, as imagens podem trazer à tona lembranças muito duras, dependendo da vivência de cada um.

Nos últimos três anos, o instituto vem desenvolvendo um projeto com moradores de comunidades não pacificadas do Rio de Janeiro. Segundo Rona, cerca de 80% dos participantes são mulheres já aposentadas:

— Essas pessoas têm um contexto de vida difícil. O ponto de partida foi identificar uma questão em comum, que pudesse ser abordada de várias maneiras. Com isso, conseguimos sensibilizar grande parte dos integrantes.

A professora aposentada Valdete dos Santos conhece bem esse universo literário. Ela trabalhou durante 11 anos na sala de leitura da Escola Municipal 25 de Abril, em Freguesia, no bairro de Jacarepaguá, na Zona Oeste da cidade. De acordo com sua experiência, no início, os alunos resistem aos livros, mas, com o tempo, o quadro é revertido.

— Fora dos horários das oficinas, que eram obrigatórias, eles iam para a sala de leitura assistir à televisão. Fomos tentando, aos poucos, mudar o hábito dos alunos. Começamos a colocar à disposição revistas em quadrinhos e tiramos o aparelho de TV. Depois de aproximadamente três anos, percebemos que havia sido criado um grupo de leitores. Eles foram ampliando os interesses e, além dos gibis, passaram a se interessar pelos livros. O trabalho que desenvolvemos na escola foi parecido com o que é feito pelo Ler É Abraçar — contou, orgulhosa.



“A narrativa está na vida da gente para nos lembrar de que a gente existe.”
“Livro é secundário. As pessoas é que são importantes. Essa é que é a 'virada’ da sala de leitura.”

RONA HANNING,
PEDAGOGA
http://lereabracar.blogspot.com.br

EMPREENDEDORISMO E SUSTENTABILIDADE EM BALI

Considerada a escola mais verde da Terra, a Green School — localizada em Bali, na Indonésia — foi criada há cinco anos pelo empresário canadense radicado em Bali John Hardy. Ele, que ganhou fortuna no ramo de joalheria, decidiu mudar sua vida após assistir ao documentário “Uma verdade inconveniente”, de Al Gore. “Pensei em que mundo ia deixar para os meus quatro filhos e investi tudo para fazer uma escola carbono zero e que trouxesse benefícios para o entorno e para o planeta”, disse ele, em vídeo exibido durante a apresentação do estudo de caso.

Com 450 alunos de 45 nacionalidades, a escola oferece, do jardim de infância ao ensino médio, um espaço totalmente integrado à natureza, construído em bambu, com água reciclada e quase toda a energia oriunda de placas solares. Há, inclusive, um aluno brasileiro.

A educadora Carolina Bergier foi voluntária da escola e apresentou a iniciativa:

— Não há paredes, e isso nos faz aprender que, entre mim e você, não há barreiras e que minhas ações impactam o outro. Apesar do cenário deslumbrante, a verdadeira magia da Green School acontece dentro da sala de aula. Cada estudante tem o seu tempo e sua maneira de aprender. O foco na sustentabilidade busca formar futuros líderes verdes.

Para os alunos, o ambiente faz toda diferença: “Esse espaço aberto estimula a minha criatividade. Além da matemática e do inglês, a gente tem aula de Drama, Música, Arte, Estudo Verde, Computação e Esportes”, contou o aluno brasileiro

Tiago, durante o vídeo de apresentação. Outra aluna chamou a atenção para a horta da escola: “Aqui, a gente planta, cuida, colhe e depois come tudo que a gente plantou.”

O pai de Tiago vê no dia a dia da Green School o ideal do educador Paulo Freire, que acreditava que escola boa é aquela que o aluno gosta de frequentar até no fim de semana: “O que acho incrível é a alegria que meu filho tem pra vir pra cá todos os dias. Isso é justamente o que Paulo Freire falava.” A mãe justifica essa atitude: “As crianças amam vir porque, além de ser um lugar mágico, elas se sentem respeitadas.”

Para estudar na instituição, é preciso pagar uma mensalidade de US$ 1 mil (cerca de R$ 2,5 mil). A partir dos conceitos de ecologia e de sustentabilidade, a escola une disciplinas tradicionais a aulas de artes, estudos verdes e empreendedorismo. O resultado é que, entre os alunos da primeira turma de formados no ensino médio da escola, no meio de 2014, alguns foram aceitos em universidades como Harvard e Cambridge sem necessidade de exames, pois essas instituições consideram que os alunos da Green School, segundo Carolina, “estão preparados para o mundo”. Outros já têm o próprio negócio.



“Um rio passa no meio da escola. Isso é mais magnífico do que qualquer paisagem.”

“O professor deve ter uma escuta ativa para saber qual é o ritmo e qual é a necessidade de cada um dos alunos.”

CAROLINA BERGIER,

EX-VOLUNTÁRIA DA ESCOLA

www.greencampbali.com/newsite

ESCOLAS VIVAS: O ALUNO APRENDE COM SEUS ATOS

“Alguém aqui espera uma mudança na educação?”. Foi com essa pergunta que a advogada e educadora Mariana Carvalho iniciou a apresentação sobre as chamadas escolas vivas. Quase todas as pessoas levantaram a mão. E ela rebateu:

— Não vai rolar mudança na educação enquanto a gente continuar apenas esperando por isso.

As escolas vivas são espaços onde o aluno aprende através de suas próprias ações. Mariana visitou algumas na Bahia e na Argentina de 2012 a 2014 e percebeu que essas instituições não têm uma forma única. Por onde andou, notou modelos que acontecem em jardins, residências e até salas de ioga.

Para ela, o diferencial do projeto de uma escola viva é a sensibilidade do educador. E exemplificou:

— Quando uma criança quer mostrar um desenho, ela diz “olha o que eu fiz” e não adjetiva “o que eu fiz”. Mas, quando a gente comenta, com um “que lindo!”, um processo destrutivo se inicia nessa criança. Ela vai passar a competir consigo mesma e se superar sempre. Já o educador da escola viva diz: “Legal, você fez uma caixinha com uma mancha preta grande e um traço vermelho.” Ele não cria um problema para a criança.

Na escola viva, generalizar é erro. O olhar individualizado é o diferencial. Há crianças, por exemplo, que estão preparadas para usar uma faca com segurança, outras, não. Pode ainda haver uma de 13 anos que não esteja preparada para isso.

Castigo também é um termo que não existe nesse modelo, e sim consequências.

— Numa escola que visitei, uma criança costumava se jogar numa porta de bambu. A educadora chamou a atenção dela algumas vezes, mas ela continuou. Como consequência, essa criança foi indagada pela educadora sobre quanto tempo ela deveria ficar sem entrar naquela sala. O efeito tem sempre que estar ligado à causa — conta Mariana.

O modelo explanado por Mariana surgiu com a Escola da Ponte, de Portugal. A instituição, no começo, era classificada como escola livre. No entanto, a dificuldade de explicar para pais e educadores que a tal liberdade tinha certas restrições deu origem à nomenclatura “escola viva”, que hoje também existe no Brasil, no Uruguai, na Argentina e na Espanha.

Da plateia, o educador Leandro Gomes chamou a atenção para a resistência da sociedade a projetos inovadores de ensino. Para ele, não é o diploma que faz um educador, mas, sim, a sua capacidade de dialogar com o aluno.

— Eu acredito em quem constrói a aula com amor e vontade, em quem consegue se expressar com a criança. A gente tem que acabar com esse medo do novo. Existem várias pessoas no mundo, não existe um único modelo de ensino.



“Os alunos são certificados de que passaram pela educação infantil, ciclo fundamental e ensino médio.”

MARIANA CARVALHO,
EDUCADORA
mari.bfc@gmail.com

TECNOLOGIA TELECURSO: METODOLOGIA TELESSALA

No fim da década de 1970, um programa de TV que surgiu para levar escolaridade básica a quem precisava concluir os estudos ia ao ar pela primeira vez. Era o Telecurso, que, em 1993, chegou também às salas de aula e se tornou uma metodologia adotada por governos, empresas e instituições do terceiro setor.

A tecnologia educacional Telecurso/Metodologia Telessala já foi implementada em mais de 32 mil salas de aula, formando mais de 40 mil professores e mais de sete milhões de estudantes em todo o Brasil.

Por meio de uma parceria firmada em 2013 entre a Fundação Roberto Marinho e o Ministério da Educação, foi ampliado o número de estados que adotam a metodologia em escolas da rede pública para a adequação da idade-ano. Em 2014, alcançou 223 mil alunos em 12 estados.

— A iniciativa também é utilizada para a Educação de Jovens e Adultos e como alternativa ao ensino básico em municípios e comunidades dispersas. Temos experiências bem-sucedidas na Amazônia, no Acre, em Rondônia e no Pará — explicou Helena Jacobina, coordenadora de projetos da gerência de Educação e Implementação da Fundação Roberto Marinho.

No Rio, a primeira experiência aconteceu em 2009, com o projeto Autonomia, em nível estadual, e o Autonomia Carioca, em nível municipal. Uma das escolas que vivenciaram a proposta foi o Ciep Federico Fellini, em Tomás Coelho, Zona Norte do Rio.

A metodologia articula o conteúdo científico com ações lúdicas dentro de sala. Os alunos sentam em círculo, assistem a teleaulas e participam de debates em que são instigados a fazer reflexões sociais.

— Seu currículo valoriza a cultura nacional e local, trazendo a vida para dentro da sala de aula e estimulando a criatividade e a participação social. Muitos estudantes chegam à sala sem sonhos, sem perspectiva de vida, mas durante o processo começam a se reconectar com eles mesmos e com a sua missão no mundo — disse Helena.

Para a implantação da metodologia, a Secretaria de Educação do estado ou do município precisa mapear as escolas que apresentam muitos alunos em defasagem idade-ano e identificar professores da própria rede que possam assumir turmas. Esses docentes passam por uma formação continuada ao longo do projeto.

— O professor também é um aprendiz, na medida em que passa a mediar o conhecimento, valorizando os saberes dos estudantes e colocando-os como protagonistas de sua aprendizagem – explicou a coordenadora.



“O elo afetivo que esse professor constrói com o grupo é muito importante. Por isso a gente acredita na existência de um único professor, porque os alunos estão precisando resgatar a amorosidade. A afetividade tem que estar presente em todo o processo.”

HELENA JACOBINA,

COORDENADORA

www.telecurso.org.br/metodologia-telessala

PROJETO DA PREFEITURA DO RIO DÁ ATENÇÃO ESPECIAL A ADOLESCENTES

As transformações físicas e emocionais da pré-adolescência começam por volta dos 11 ou 12 anos, logo na chegada dos jovens ao 6º ano, que marca o início do segundo segmento do ensino fundamental. Para garantir uma melhor aprendizagem dos alunos e prepará-los para os próximos desafios da vida escolar, a Secretaria municipal de Educação do Rio de Janeiro desenvolve em 378 turmas uma solução simples, mas inédita no Brasil: o 6º ano experimental.

O diferencial do projeto é representado pela figura do professor generalista, que leciona todo o conteúdo previsto no programa curricular. Dessa forma, os estudantes só passam a ter oito professores no 7º ano, quando já estão mais amadurecidos e preparados para lidar com as transformações.

A medida começou a ser testada em escolas da rede municipal em 2011, por causa dos elevados índices de evasão escolar e repetência no 6º ano identificados em todo o país. Durante a apresentação do projeto, a subsecretária de ensino da rede, Jurema Holperin, explicou por que é uma iniciativa importante:

— Nós apostamos na manutenção do vínculo com um único professor, porque esse é um momento turbulento para esses jovens, e tem dado resultado. As turmas apresentam médias muito superiores às turmas regulares, seja no resultado das provas bimestrais, seja nas avaliações externas.

A professora Ana Ligia Reis, da Escola Municipal Adlai Stevenson, localizada em Vista Alegre, bairro da Zona Norte, destacou a importância do papel do professor na construção desse novo paradigma educacional:

— O apoio do professor nessa fase é importante para o jovem. Ele deve estar sempre por perto, deve ser observador e motivador, para poder ajudar nessa formação de modo mais eficaz. Em termos de conteúdo, ter um só professor ajuda o aluno a entender que as disciplinas se relacionam entre si, porque os conteúdos são articulados. Assim, ele chega mais preparado ao 7º ano.

Aos poucos, o município se organiza para implementar a novidade em todas as escolas da rede que oferecem o 6º ano. A secretária municipal de Educação, Helena Bomeny, salientou que o caminho a ser percorrido ainda é longo.

— A rede é muito grande, temos 1.515 escolas e precisamos adaptá-las a essa realidade que estamos criando. Primeiro, porque estamos incluindo um ano a mais no primeiro segmento, em escolas que normalmente oferecem aulas até o 5º ano e passarão a fazê-lo até o 6º. Acredito que essa reorganização da rede será gradativamente implantada.



“Um aluno ‘terrível’ pediu para se sentar do meu lado na sala. Sabia que a concentração dele melhorou? Tudo isso passa pelo carinho.”

ANA LÍGIA REIS,
PROFESSORA
www.rio.rj.gov.br/web/sme

CLUBE DE LEITORES: MAIS LEITURA E TROCA DE IDEIAS

A Escola Sesc de Ensino Médio realiza, desde 2010, o projeto Clube de Leitores com seus alunos. A iniciativa, que estabelece a biblioteca como espaço central no aprendizado, surgiu da vontade dos professores, dos bibliotecários e da necessidade dos próprios estudantes em incrementar a leitura. Fernanda Freitas, professora de Língua Portuguesa, garante que o clube se transformou num diferencial para seus alunos:

— A gente queria extrapolar as paredes da sala de aula e oferecer leitura fora do horário regular. E os alunos perceberam que não havia tempo livre para a leitura espontânea. A solução foi reservar um tempo na grade — explicou Fernanda, ressaltando: — Se temos livros e pessoas querendo ler, essa iniciativa pode ser replicada no mundo todo.

Nos encontros, realizados uma vez por semana por cerca de 45 minutos, são priorizados textos mais curtos, como crônicas e contos, conciliando autores clássicos e contemporâneos. Tudo em função de uma matemática produtiva: ter tempo de fazer mais leituras e discussões de ideias.

É nesse aspecto que o clube se sobressai. Além de debater sobre a língua, o encontro com a literatura traz a possibilidade de os alunos se colocarem diante dos textos com questões pessoais. O prazer vem justamente dessa liberdade de interpretação, uma apropriação do texto. O papel da mediação cabe à Fernanda e ao bibliotecário Vagner Amaro.

— Nos primeiros encontros, os alunos estavam acanhados. Fomos quebrando o gelo, e eles entenderam que o bacana era compartilhar. Mesmo os estudantes que não tinham uma bagagem grande de leitura foram adquirindo conhecimento.

Passaram de iniciantes a leitores críticos — ressaltou a professora.

As leituras espontâneas fizeram com que um grupo de alunos decidisse passar as férias lendo os renomados “1984”, de George Orwell, e “Cem anos de solidão”, de Gabriel García Márquez.

Dois livros já foram criados a partir da iniciativa: “Machado de Assis por jovens leitores” e “Lima Barreto por jovens leitores”, que trazem uma compilação de contos dos autores, cada qual precedido por uma apresentação feita pelos alunos dos clubes.

— Para eles, participar de um processo editorial profissional é muito rico. Eles acompanham os contatos com as editoras, colaboram na organização do livro, na produção da capa, estão presentes nos lançamentos e encontram seus livros nas livrarias – destacou Vagner Amaro.

Ex-estudante do Sesc, Bruna Vilanova, de 18 anos, realçou a importância do clube na sua formação:

— Fiz questão de participar do clube, inclusive no ano em que prestei vestibular. Foi uma chance de desviar o foco. Era um ambiente muito nosso, aqueles textos passavam a ser nossos também. A coisa que mais gosto de fazer no mundo é ler, e isso me ajudou em todos os aspectos da minha vida.



“Trabalhamos com crônicas e contos porque queremos levantar uma discussão no momento da leitura.”

FERNANDA FREITAS,

PROFESSORA DA ESCOLA SESC DE ENSINO MÉDIO

www.sesc.com.br

O SEGREDO DO SUCESSO DE SOBRAL, NO CEARÁ

Uma cidade leva quanto tempo para ter educação pública de qualidade para crianças e adolescentes? E por onde começar? Questões como essas foram respondidas por gestores educacionais do Ceará, onde a cidade de Sobral desponta como uma das líderes no Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (Ideb).

Pouco antes de os dados do indicador referentes a 2013 serem divulgados pelo MEC, o secretário estadual de Educação do Ceará, Maurício de Holanda, antecipou no encontro que o município teria um desempenho ainda melhor.

— Vimos com antecedência os resultados da Prova Brasil e podemos afirmar que as duas piores escolas da rede municipal de Sobral ficarão com 6,9, 15% maior do que a meta para o Brasil em 2021 para os primeiros anos do ensino fundamental. E, na outra ponta, teremos duas unidades com nota 9.

E foi exatamente o que aconteceu. A cada edição do Ideb, Sobral mostra os frutos colhidos com investimentos em educação, começados ainda em 2001. Em 2005, primeiro ano com notas do índice, a cidade tinha alcançado média 4. Em 2007, 4,9, pulando para 6,6 em 2009 e 7,3 em 2011. Em 2013, o município alcançou média 7,8.

— Estamos quebrando o mito de que é difícil avançar em educação em regiões pobres. Já quebramos o mito de que a evasão é maior para alunos de baixa renda — disse o secretário municipal de Educação de Sobral, Júlio Cesar da Costa Alexandre.

Para comprovar sua teoria, Alexandre mostrou números para a plateia. Em 2001, 48% das crianças de 8 anos não sabiam ler. Mesmo assim, elas avançavam nas séries, o que acabava gerando deficiência de aprendizagem.

— Por isso, decidimos começar do zero, construir a base. É preciso que as crianças saibam o básico, ler e escrever, para só depois começarmos a ensinar outras coisas — afirmou Maurício de Holanda.

Em cooperação com a rede estadual de ensino, Sobral começou um programa de alfabetização que inspirou o Programa de Alfabetização da Idade Certa, do governo federal.

Quando a palestra foi aberta para perguntas, o professor Luis Otávio, da rede estadual do Maranhão, compartilhou sua experiência no estado, onde enfrentou obstáculos com o sindicato de professores. Segundo ele, organizações trabalhistas manifestavam oposição a políticas de meritocracia e eficiência de gestão a partir de metas no estado:

— Por isso quis saber como era a relação do governo do Ceará com os sindicatos locais. Sei o quanto é difícil sair da inércia e começar a trabalhar com poucos recursos. É mais fácil ficar de braços cruzados culpando a rede pública do que meter a mão na massa.



“Isso é muito importante: quando o Brasil não tinha escola para todo mundo, era fácil identificar a ausência do poder público. Mas quando tem escola e os meninos não aprendem, fica mais fácil a gente pensar que o problema é dos meninos. Daí a gente combate esse mito.”

MAURICIO HOLANDA MAIA,

SECRETÁRIO DE EDUCAÇÃO DO CEARÁ

www.sobral.ce.gov.br/site_novo/sec/educacao

O PAPEL DOS GAMES NA EDUCAÇÃO

Os games não precisam ser encarados como vilões quando o assunto é aprendizado. É isso que as pesquisadoras Eliane Schlemmer e Soraia Musse querem mostrar com o primeiro SBGames Kids Teen, simpósio que acontece na PUC-RS, simultaneamente ao SBGames.

A inspiração para a realização de um evento sobre games voltado para crianças veio de casa. Mães de filhas que gostam de jogar, elas começaram a pensar, em 2012, que seria importante ter um evento de games em que as crianças pudessem apresentar palestras, projetos e ouvir quem trabalha na área.

— As crianças são os pesquisadores. Nós, os professores, somos os facilitadores — contou Eliane.

As inspiradoras, Emanuele Schlemmer Thomazzoni, de 11 anos, e Marina Musse Bernardes, de 13 anos, agora estão botando a mão na massa. Elas coordenam o Clã Sul do simpósio, ao lado de dois pesquisadores. Cada clã representa uma região do país. A ideia de usar o termo “clã” veio das crianças, já que elas usam essa linguagem nos games. Além das duas meninas, outros oito apaixonados por jogos fazem parte do grupo. Todos contam com a ajuda dos pais para participar das atividades.

Fora do ambiente virtual, eles se encontram e conversam sobre como o jogo faz parte de suas vidas e como é a relação com a família e com a escola. Os meninos garantem que, por meio dos games, aprendem História, lógica e até inglês. No entanto, muitos educadores ainda não enxergaram essas possibilidades: “Eles acham que os jogos deixam a criança violenta e preferem continuar tradicionais”, disse Emanuele, no vídeo mostrado na apresentação das reuniões

do Clã Sul. A colega Fernanda Ribeiro destaca um motivo para que os professores reformulem seus conceitos: “Às vezes, os jogos tornam as matérias mais fáceis.”

Para o SBGames Kids Teen, eles preparam o jogo ARG (do inglês alternate reality games). Durante o desenvolvimento, o clã visita o Museu de Ciência e Tecnologia da PUC-RS e, de forma lúdica, aprendem.

— Eles já estiveram naquele lugar, mas agora estão observando de uma outra maneira, pensam como aquele ambiente pode ajudar no jogo. Por exemplo, primeiro, eles decidiram que tem que ter um fantasma na história. Agora, eles querem que esse fantasma tenha uma voz grossa e se movimente — disse Eliane.

O SBGames Kids Teen também pode diminuir o preconceito em relação aos jogos, na opinião de Soraia:

— Há uma dificuldade em falar sobre games nas escolas. Alguns professores não conseguem inscrever suas turmas no evento porque o site é bloqueado. Mas é possível ensinar através da “gamificação”. No futuro, de uma maneira ou de outra, boa parte deles vai trabalhar com conteúdo digital.



“Há várias formas de você ver a relação entre educação e jogos.”

ELIANE SCHLEMMER,

PESQUISADORA

www.sbgames.org/sbgames2014/kids_and_teens

ISMART: UM INSTITUTO EM BUSCA DE TALENTOS

Há 10 anos, o estudante Luiz Fernando da Silva Sousa viu sua vida mudar completamente — e para melhor. Morador da Rocinha, no Rio de Janeiro, ele é um dos jovens talentos que foram beneficiados pelo Instituto Social para Motivar, Apoiar e Reconhecer Talentos (Ismart), que seleciona alunos de baixa renda, de 12 a 14 anos, e lhes concede bolsas em escolas particulares.

— Graças ao Ismart, estudei no Colégio São Bento (um dos mais bem colocados no Enem) e, no fim deste ano, me formo em Direito na PUC-RJ, com bolsa de 100% — contou Sousa, hoje com 22 anos.

Atualmente, a instituição tem cerca de mil bolsistas ativos em São Paulo (capital, Cotia, São José dos Campos e Sorocaba) e no Rio de Janeiro. A diretora executiva do instituto, Maria Amélia Sallum, explicou que são selecionados anualmente cerca de 200 alunos, por meio de parcerias com as secretarias municipais de Educação.

Os candidatos devem estar matriculados no 7º ou no 9º ano do ensino fundamental, ser provenientes de famílias com renda per capita de até dois salários mínimos e nunca ter repetido de ano. Além de pagar a mensalidade escolar, o Ismart fornece aos alunos material escolar, uniforme e ajuda de custo para transporte e alimentação.

— Acreditamos que o professor é quem melhor tem condições para identificar os alunos que são curiosos e que gostam de estudar — disse Maria Amélia.

Os estudantes também recebem acompanhamento psicológico e bolsas para aprender inglês. A série de benefícios contempla programas de tutoria e monitoria, programa de verão no exterior, atividades culturais, orientação vocacional e desenvolvimento profissional.

— Não adianta darmos só a educação formal. Temos que oferecer todo o aparato para desenvolver o potencial dos jovens. Por esses alunos virem de escolas públicas, nós os ensinamos a transitar em mundos diferentes e orientamos nos desafios acadêmicos, para que aprendam a ter uma disciplina para o estudo. Dessa forma, ampliamos suas perspectivas de trabalho e de vida — explicou a diretora.

Outro jovem que, com o apoio do projeto, conseguiu traçar um novo futuro foi Raí Gomes. Em 2005, então estudante da Escola Municipal Gonçalves Dias, em São Cristóvão, Zona Norte do Rio de Janeiro, ele foi selecionado pelo Ismart e, assim como Sousa, conquistou uma bolsa de estudos no Colégio São Bento:

— Quando terminei o ensino médio, mudei-me para São Gonçalo e comecei a cursar Ciência da Computação na Universidade Federal Fluminense (UFF). Eu me formo no fim do ano. Outra conquista na minha vida foi ter conseguido uma vaga de estágio na Microsoft. Estou lá há dois anos.



“Eu soube quanto o Ismart pagava por ano por cada aluno. E pensei: a mensalidade disso aqui é o salário da minha mãe.”

RAÍ GOMES,

EX-BOLSISTA DO COLÉGIO SÃO BENTO

www.ismart.org.br

ESCOLAS BILÍNGUES NA REDE MUNICIPAL DO RIO

Sim, nós temos escolas públicas bilíngues. Quatro instituições da rede municipal do Rio de Janeiro já contam com esse diferencial. O objetivo da iniciativa é introduzir metodologia e práticas de ensino em duas línguas desde a educação infantil até o 6º ano do ensino fundamental.

As escolas que dividem seu currículo em aulas ministradas em inglês e português são: Ciep Glauber Rocha, na Pavuna; Escola Municipal Professora Dyla Sylvya de Sá, em Jacarepaguá; Ciep Francisco Cavalcanti Pontes de Miranda, em Campo Grande; e Escola Municipal Affonso Várzea, no Complexo do Alemão. Além dessas, a Escola Municipal Holanda, bilíngue, na Ilha do Governador, divide seu currículo em aulas ministradas em Espanhol e Português. Para 2015, existe a previsão de que mais três escolas passem a fazer parte do projeto, e o município deve contar com dez escolas bilíngues em Língua Portuguesa e Língua Inglesa até 2016, segundo Ana Lúcia Barros, gerente do Programa Rio Criança Global, criado em 2009 pela prefeitura do Rio para ampliar o ensino da língua inglesa nas escolas municipais.

Nascida e criada no Complexo do Alemão, a professora de Inglês Gláucia Morais não pensou duas vezes quando soube, em 2012, que haveria um concurso para uma escola bilíngue.

— As pessoas se espantam quando digo que existe escola pública bilíngue na favela — contou Gláucia, que, não só passou no concurso, como hoje é a coordenadora do ensino bilíngue na Escola Municipal Affonso Várzea.

A primeira meta do projeto é permitir que o aluno se comunique em língua estrangeira. Na educação infantil, os estudantes cursam 15 tempos semanais de inglês. O idioma é apresentado aos alunos por meio de diversos conteúdos, já que a interdisciplinaridade dá a tônica do currículo da escola.

— Eu quero que os estudantes falem inglês não apenas na escola, mas também em outros contextos, nem que seja no teleférico, conversando com os turistas — afirmou a professora. — Em algum momento da vida do aluno, o ensino de uma segunda língua será útil. Com os alunos entre 3 e 5 anos, é utilizado um material didático específico, lúdico. Os professores lançam mão de música, ciências, arte e muitas histórias. Jogos e desafios também mobilizam a escola.

— Este ano, tivemos vários eventos, como o Bilingual Carnival e o 1º Torneio Bilíngue de Futsal, a nossa World Cup. Eles só podiam falar em inglês durante o jogo, do contrário era marcada uma falta. As crianças gostam de aprender e tentam ensinar a família a falar inglês também. — afirmou Gláucia.



“Trabalhamos com seis competências: promover, viabilizar, desenvolver, vivenciar, criar e oferecer.”

“Mudamos a identidade visual nas escolas bilíngues, com placas em português e em inglês. O aluno percebe que algo está sendo feito em prol dele.”

GLÁUCIA MORAIS,

PROFESSORA DE INGLÊS

www.rio.rj.gov.br/web/sme

UM BRASIL CHEIO DE BOAS PRÁTICAS EDUCACIONAIS

Aos 22 anos, o jornalista Caio Dib abandonou o trabalho no escritório para conhecer boas práticas educacionais espalhadas pelo Brasil. O que era apenas um desejo pessoal se transformou no projeto Caindo no Brasil, criado e financiado por ele mesmo. Durante cinco meses, Dib visitou 58 cidades de 12 estados do país. Um dos projetos que conheceu foi a ONG Desabafo Social, criada pela estudante Monique Evelle em Salvador, Bahia, para promover ações em defesa dos direitos humanos da infância e juventude. Juntos, Dib e Monique compartilharam experiências que enriquecem o debate sobre educação no Brasil.

O roteiro da viagem do jornalista incluiu 30 iniciativas com caráter regional fundamentadas numa cultura de formação para a vida. Pelo site, é possível conhecer os projetos mapeados por Dib. Quatorze dessas iniciativas estão em seu livro “Caindo no Brasil”, recém-lançado.

— A viagem me fez perceber que são as sutilezas que fazem a diferença na educação — afirmou Caio Dib. — Em uma escola de educação infantil, os próprios alunos criaram regras de convivência que foram penduradas na parede. E deu muito certo. Conheci também um caso muito interessante na cidade de Nova Olinda, no Ceará: a Fundação Casa Grande, que oferece um programa de capacitação em gestão cultural para crianças e jovens.

O jornalista não encontrou tablets e softwares pelo caminho, mas conheceu projetos voltados para o desenvolvimento de competências e valores fundamentais para uma vida na cultura digital, como sensibilidade, diálogo e empatia.

A ONG criada por Monique em 2011 está no livro de Dib. A iniciativa investe em palestras, seminários e oficinas para levar conscientização social a crianças e jovens. No ambiente virtual, estimula debates por meio das redes sociais, de uma web rádio e de sua própria revista on-line.

— A ideia é estimular o engajamento dos jovens em causas sociais, garantindo a realização de atividades em que exista a troca de experiências sobre os direitos humanos — contou Monique, exemplificando: — Quando uma reportagem revela o nome de um menor, eu chamo a atenção dos meninos para o erro cometido pelo repórter. Um menor não pode ter o seu nome revelado na imprensa.

Priorizando a atuação em bairros populares, o Desabafo Social recebeu, em março de 2014, o Prêmio de Protagonismo Juvenil pela Associação Brasileira de Magistrados, Promotores de Justiça e Defensores Públicos da Infância e da Juventude.



“Concordo com o educador José Pacheco quando ele diz que, em educação, a prática chama a teoria.”

“Eu não busquei conhecer aquela escola boa, senso comum, que faz o aluno passar na prova do vestibular.”

CAIO DIB,

JORNALISTA E ESCRITOR

www.caindonobrasil.com.br

Desabafo Social: www.desabafosocial.com.br

PROJETO DUPLA ESCOLA: FORMAÇÃO INTEGRAL

Um novo tipo de formação nasce quando o ensino médio desenvolve a autonomia e estimula competências, atitudes e valores indispensáveis ao ser humano do século XXI: a Educação integrada. De acordo com o subsecretário de Educação do estado do Rio de Janeiro, Antônio Neto, que apresentou o programa Dupla Escola, o rendimento dos estudantes nesse tipo de escola é 60% superior ao das demais unidades da rede.

Criado em 2008, o programa oferece formação técnica, linguística e vocacional em 26 unidades escolares. Dentre os modelos disponíveis estão o Ensino Médio Integrado à Educação Profissional — com ênfase em diversas áreas, como administração, telecomunicações, edificação, informática, multimídia e tecnologia dos alimentos — e o Ensino Médio Intercultural, com foco em Brasil-Estados Unidos, Brasil-França, Brasil-Espanha e Brasil-China, em que algumas disciplinas são ministradas no idioma estrangeiro.

Os alunos ficam na escola das 7h às 17h. Neste modelo inovador, o currículo mínimo permanece respeitado, mas todas as atividades são integradas ao conteúdo e estimulam aspectos como a criatividade, a gestão de informação e processos, o espírito colaborativo, a liderança, o pensamento crítico, a curiosidade investigativa e a resolução de problemas.

Essa proposta pedagógica, segundo o subsecretário, estará em todas as escolas da rede até 2023. Neto anunciou ainda que 33 escolas da rede estadual já têm cursos profissionalizantes.

— Não queremos que sejam escolas excelentes. Queremos que essas sejam as escolas da rede e por isso precisamos dos multiplicadores. O aluno precisa gostar da escola, e isso só começa a acontecer quando ele percebe o que tem significado para a vida dele.

A professora Fátima Cristina dos Santos Magalhães, que leciona no Colégio estadual Erich Walter Heine, em Santa Cruz, Zona Oeste do Rio, garante que o projeto funciona. Inaugurada há quatro anos, a escola oferece a formação em Administração com o ensino médio.

— Eu ensino Matemática com exercícios de lógica, jogos de xadrez, reciclagem e uma miniempresa. Percebo como os alunos começam a pensar de forma diferente, com uma visão maior de mundo e mais interesse pela leitura e a pesquisa. Eles chegam estudantes e saem profissionais.

O subsecretário também destacou o sucesso das escolas abraçadas por parceiros, normalmente grandes empresas que investem no empreendedorismo e mão de obra qualificada, financiando a parte técnica e os laboratórios das escolas, sem nenhum incentivo fiscal.



“O aluno precisa gostar da escola, e isso só começa a acontecer quando ele percebe o que tem significado para a vida dele.”

ANTÔNIO NETO,

SUBSECRETÁRIO DE EDUCAÇÃO DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO

www.rj.gov.br/web/seeduc

O PLANO DE EDUCAÇÃO EM TERESINA, NO PIAUÍ

Os resultados obtidos nos últimos anos pela Escola Municipal Bom Princípio, de Teresina (PI), na Prova Brasil, que compõe o Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (Ideb), têm sido motivo de orgulho. A instituição conquistou 6,7 no Ideb de 2009, 7,7 em 2011, e 5,8 em 2013. Apesar da queda, o resultado ainda está cinco pontos acima da meta projetada para este ano, que era 5,3. Com isso, a escola rural Bom Princípio se tornou uma das melhores escolas públicas do 1º ao 5º ano do país.

Os números chamam ainda mais atenção quando a diretora pedagógica Iraneide Santana Gomes Nascimento conta que a escola, que atende 310 alunos, carece de infraestrutura.

— Não temos biblioteca, mas temos um pátio onde os alunos, reunidos debaixo de uma árvore, participam de rodas de leitura. Priorizamos ações que garantem a aprendizagem, damos assistência pedagógica aos professores e fazemos um planejamento focado nas necessidades de cada um. Temos empreendido muitos esforços para que nossos alunos aprendam a ler já nos primeiros anos do ensino fundamental.

Em 2007, quando Iraneide chegou à escola, a nota da instituição no Ideb era 4,4, não muito diferente da média do Nordeste, de 3,5. De acordo com a pedagoga, um fator importante na melhora dos resultados foi o envolvimento da família na rotina escolar dos alunos. A taxa de abandono da rede já era baixa (0,3 nos anos iniciais). Depois do trabalho realizado junto aos pais, está há dois anos em 0%.

— A gente quer dividir a responsabilidade com os pais e responsáveis. Começamos promovendo um festival de sorvete e, na ocasião, aproveitamos para apresentar toda a equipe, mostrar a infraestrutura da escola e destacar as vantagens da participação da família nesse ambiente. Não é necessário que o pai seja alfabetizado para acompanhar o filho nas atividades — afirmou Iraneide, ressaltando que a parceria entre a escola e a família tem sido um sucesso: — Oferecemos várias atividades para os responsáveis, como ginástica e curso de material de limpeza. Em um dos cursos, os pais produziram xampus a partir de ervas que colheram no quintal de casa.

Outro diferencial da Bom Princípio é o tempo de duração de cada aula, que é de 60 minutos.

— Aumentamos em 10 minutos a duração das aulas para garantir o tempo de aprendizagem dos nossos alunos — justificou a pedagoga.

Iraneide também afirmou que a afinidade da equipe é essencial para um trabalho bem feito.

— Nossa equipe é muito coesa, ama o que faz e pensa 24 horas no bem-estar dos alunos. Mesmo quando nos encontramos fora do ambiente escolar, o assunto é sempre o mesmo: nosso trabalho.



“O aluno precisa ser instigado. Não adianta planejar um tema que não esteja em alta. A cidade fez 162 anos, então voltamos todas as nossas atenções para isso. Identificamos o que pode ser trabalhado nas disciplinas com esse tema.”

IRANEIDE SANTANA,

DIRETORA PEDAGÓGICA DA ESCOLA MUNICIPAL BOM PRINCÍPIO

www.semec.pi.gov.br

EM MACAÍBA, UM POLO DE EDUCAÇÃO CIENTÍFICA

A cidade de Macaíba, no Rio Grande do Norte, está prestes a virar um polo de educação científica nacional. Isso porque o local foi escolhido para a implantação do Campus do Cérebro, em 2015, que terá um corpo docente de 25 pesquisadores na área de neurociências, 25 laboratórios com equipamentos de última geração e um supercomputador com capacidade para realizar 46 trilhões de operações por segundo. A unidade será a primeira escola de ensino regular do Projeto de Educação Científica, idealizado pelo neurocientista Miguel Nicolelis, que já conta com outros três centros de ensino complementar.

— O Campus do Cérebro é produto de um longo trabalho e um sonho de Miguel que está se realizando — vibrou Rosélia Cristina de Oliveira, coordenadora pedagógica do projeto.

A ideia do Campus nasceu em 2003 e se concretizou em 2007, com a implementação de três centros de educação científica que funcionam como complemento à rede pública de ensino. Uma das unidades funciona no bairro Esperança, na periferia de Natal (RN). Outra está instalada na Escola Agrícola de Macaíba. E a terceira funciona na cidade de Serrinha, na Bahia. Atualmente, as três unidades atendem 1.416 alunos, todos estudantes de escolas públicas, entre o 6º e o 9º ano.

— O objetivo é promover a inclusão social de alunos que moram em bairros violentos ou excluídos socialmente e que têm poucas perspectivas para o futuro. A ideia é suprir o direito à educação e oferecer um espaço contínuo de aprendizado e de troca de experiências — disse Rosélia.

Esses centros oferecem oficinas que relacionam o conhecimento científico às outras áreas do conhecimento:

— Temos oficinas mais técnicas, como a de Ciência e Robótica, mas também a de Ciência e Arte. Temos ainda Ciência e Ambiente, em que os alunos estudam processos coletivos que preservem e recuperem ecossistemas locais — explicou a coordenadora.

Em seis anos, o projeto já coleciona histórias de sucesso. Um dos exemplos é Jhons Phyllyppe Rodrigues, de 18 anos. Ele conheceu o projeto aos 12 anos e não o largou mais. Rodrigues fez questão de viajar de Macaíba ao Rio de Janeiro para contar sua história:

— Eu não gostava de trabalhar em grupo e tinha dificuldades na escola. Ao longo do projeto, tudo mudou. Eu me apaixonei pela educação e, hoje, além de ser monitor num dos centros, eu consegui entrar para uma faculdade pública — comemorou Rodrigues, que estuda Engenharia da Computação na Universidade Federal do Rio Grande do Norte.



“Viemos de escolas tradicionais. Fui obrigada a reaprender a importância do aluno naquele contexto de sala de aula e a minha relação com a aprendizagem.”
“Nossa formação é coletiva, é ouvindo um, o outro e todos.”

ROSÉLIA DE OLIVEIRA,
COORDENADORA PEDAGÓGICA
www.natalneuro.org.br

PRÁTICAS INOVADORAS DE APRENDIZADO

Celular, Facebook, iPad, jogos eletrônicos... Na aula do professor de Relações Internacionais Rafael Ávila, do Grupo Ânima de Educação — organização educacional mantenedora de instituições de ensino superior —, tudo isso é permitido. Para ele, que também é diretor de Inovação da empresa, a tecnologia não pode ser inimiga da educação.

— A gente tem que entrar no mundo do estudante, por mais difícil que seja. A tecnologia não pode ser concorrente, mas aliada – afirmou ele, citando que já aplicou prova via Twitter. — O professor não pode ter medo do uso de robôs, telepresenças, impressoras 3D, Google Glass. Todas essas ferramentas podem ser usadas como elementos que nos aproximem do aluno.

Entre os desafios que devem ser enfrentados para melhorar a educação, Ávila destacou a necessidade de se conectar a universidade à sociedade. Por isso mesmo o desenvolvimento de habilidades e competências talvez seja o grande elemento da educação contemporânea.

— O conteúdo está no mundo, e hoje a gente pode acessá-lo de diversos instrumentos, inclusive por meio do professor — disse Ávila.

Para ele, o ensino não deve ser como uma via de mão única. A sala de aula tem que ser um lugar de troca:

— Nela, os alunos são os protagonistas. Cabe aos professores entender o que cada um quer como projeto de vida, além do diploma. Quando se entende a necessidade do indivíduo, o aprendizado se torna mais eficiente. É preciso dar vazão aos projetos dos alunos. Nós temos que contruir juntos esses projetos.

O professor contou ainda que a tecnologia contribui para esse entendimento sobre o aluno. E que, para isso, a mídias sociais são muito bem-vindas.

— Outro dia, durante a aula, vi que um aluno meu estava no Facebook. Entrei no meu perfil e enviei uma mensagem para ele, pedindo para prestar atenção no que eu estava falando. Não posso ser contra a rede social. Por meio dela, consigo descobrir quem é o meu aluno.

O uso do aparato tecnológico, no entanto, foi questionado pelo professor de Biologia Marcelo Pellegrino, que leciona nos colégios São Paulo e Nossa Senhora do Carmo, no Rio de Janeiro. Ele citou a internet como uma facilidade que pode atrapalhar o processo de aprendizagem se o acesso for feito a um conteúdo pouco confiável:

— Educar não é simplesmente disponibilizar o acesso ao mundo virtual para que o aluno descubra que dois mais dois é igual a quatro. A internet é uma folha em branco, em que cada um escreve o que quer. É necessário que o acesso a ela tenha seus limites. A escola tem que estar aberta às tecnologias, mas o acesso à informação tem que ser confiável.



“Eu não vou dar a resposta ao aluno. Mas vou ajudá-lo a construir o caminho.”

RAFAEL ÁVILA,
DIRETOR DO GRUPO ÂNIMA
www.animaeducacao.com.br

A QUALIDADE DAS ESCOLAS PARTICULARES

A qualidade e as práticas de ensino nas escolas particulares foram debatidas por representantes de instituições consideradas referências no campo educacional. De um lado, o tradicional Colégio São Bento, com a presença de sua supervisora pedagógica, Maria Elisa Penna Firme. Do outro, a Escola Parque, que investe numa educação mais participativa e com ambientes descontraídos, com sua diretora Patricia Konder Lins e Silva. Coube a Andrea Ramal, educadora da PUC-Rio, mediar o debate que reuniu as duas escolas.

A repercussão dos dados do Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (Ideb) de 2013 deu o tom do início do debate:

— A escola pública vive patinando. Nunca conseguimos chegar a uma nota média maior do que 4. Enquanto isso, temos escolas particulares com índices de desempenho no mesmo nível de países como o Japão. O que faz a qualidade do nosso modelo de escola particular? — indagou Andrea.

Tanto para Maria Elisa quanto para Patricia, a sintonia entre o pensamento adotado pela escola e sua prática faz toda a diferença. O objetivo e a filosofia de uma instituição precisam ser transformados em prática.

— A escola é bem-sucedida quando ela tem objetivos claros. Nossa intenção é preparar o aluno para o que ele quer, não necessariamente para o Enem — sustentou Maria Elisa.

Patricia aproximou o assunto da filosofia da Escola Parque, voltada para o estímulo da autonomia dos alunos. Segundo a diretora, o colégio deve preparar o aluno para o mundo tal como ele é:

— Ele tem que ser protagonista de sua história, precisa pensar criticamente. E esse estudante precisa entender o valor do conhecimento.

As duas instituições, porém, acabam sendo marcadas por estereótipos, segundo Andrea: na Escola Parque, o aluno estaria livre para fazer o que quisesse, enquanto o São Bento seria uma escola marcada pela disciplina implacável. Mas não é bem assim. A plateia questionou aspectos tradicionais na linha pedagógica da Escola Parque, no que Patricia Konder foi enfática, dizendo que não abre mão do calendário de provas.

— O aluno vai ter que fazer provas no mundo. Tem inspetor que vigia esse aluno, que não pode olhar para o lado.

Já Maria Elisa relatou o caso de uma mãe que, na década de 1970, foi até o colégio tirar dúvidas com o então reitor Dom Lourenço. Ao perguntar qual seria a linha da escola, ela se surpreendeu com a resposta não muito ortodoxa:

— Dom Lourenço respondeu que o São Bento era uma escola em busca de si mesma, de uma identidade.



“Ele (o aluno) tem que ser protagonista de sua história, precisa pensar criticamente.”

PATRICIA KONDER,
DIRETORA DA ESCOLA PARQUE
www.escolaparque.g12.br
Colégio São Bento: www.csbrj.org.br

MOVIMENTO PARATODOS E SUA PROPOSTA ESPECIAL

A inclusão dos portadores de deficiência nos processos de ensino-aprendizagem e no mercado de trabalho é uma das principais reivindicações do movimento ParaTodos, criado em 2013. Durante uma hora, representantes do grupo debateram as dificuldades encontradas por pais e filhos nas instituições de ensino e trocaram experiências com a plateia.

Uma das fundadoras do movimento, a jornalista Ciça Melo reconhece que ainda é preciso haver avanços na legislação para que sejam garantidos os direitos desses estudantes. No entanto, ela destacou que o papel do educador é mais importante do que a lei, já que ele pode atender de imediato às necessidades dos estudantes:

— Uma vez eu vi um cadeirante querendo entrar em um restaurante, mas não havia rampas, apenas escadas. Então, um senhor começou a reclamar, disse que era um absurdo que não houvesse uma lei que obrigasse os estabelecimentos a ter rampas. Paciente, o cadeirante só perguntou se o senhor poderia ajudá-lo, porque ele precisava entrar. Esse exemplo mostra que não podemos esperar as leis para agir, porque a necessidade é imediata.

O ParaTodos realiza encontros periódicos em diversas instituições para promover reflexões que levem a sociedade a compreender melhor as necessidades dos portadores de deficiência. Atualmente, uma das dificuldades do grupo é fazer com que o mercado de trabalho entenda e respeite a qualificação profissional daqueles que buscam emprego na iniciativa privada.

— Há problemas nas instituições de ensino, mas as escolas públicas estão mais preparadas do que as particulares para receber esses alunos. No mercado de trabalho, é a mesma coisa. As empresas, quando praticam a inclusão, geralmente o fazem em posições subalternas, como trabalhos de mensageiro — lamentou.

Para alguns participantes, o encontro teve contornos de alívio e desabafo porque, após a apresentação, foi aberta uma rodada de depoimentos, na qual pais e educadores puderam contar um pouco do desafio que enfrentam diariamente para a inclusão de filhos e alunos. Para a professora Marisa Lemos, mãe de uma portadora de Síndrome de Down, o encontro foi uma oportunidade para buscar mais forças para combater o preconceito:

— Muita gente ainda nos olha com pena por causa das dificuldades que enfrentamos com nossos filhos, mas nós os amamos e não aceitamos ser tratadas assim, só queremos que sejam incluídos, porque isso faz parte da dignidade humana, e todos precisam disso. Eles não devem ficar confinados em guetos ou em escolas especiais: são parte da sociedade, como todos nós.



“Existe um mito de que a inclusão não pode acontecer no ciclo fundamental II e no ensino médio.”

CIÇA MELO,

FUNDADORA DO PARATODOS

http://paratodos.net.br

HANDEBOL: UMA BOA TÁTICA DE ENSINO

Os amigos Alexandre Almeida e Joel Dutra entraram juntos, em 1986, no Colégio Estadual Antônio da Silva, no bairro de Comendador Soares, no município de Nova Iguaçu (RJ). Naquele mesmo ano, o professor João Batista da Costa assumia a Educação Física da escola e criava um programa de esportes fora do horário regular das aulas.

Eles não sabiam, mas o encontro do trio mudaria vidas a partir da modalidade que fez mais sucesso entre a garotada, o handebol. Além de uma revolução nos resultados escolares, o time já formou atletas para seleções brasileiras e é um dos mais fortes das categorias de base no país.

Os colegas seguiram juntos para a Faculdade de Educação Física da Universidade Federal do Rio de Janeiro, em 1998. Depois, continuaram o projeto que foi criado pelo professor Costa. O handebol passou a ser o maior atrativo do colégio. Hoje, cerca de 150 alunos treinam na escola, sendo 60 com alto rendimento. A reprovação caiu. Nos últimos seis anos, a taxa foi de 31% para apenas 3%.

— Diziam que os alunos que treinavam não tinham foco nas aulas e, a partir de 2006, ampliamos o projeto para cobrar deles também os resultados nas aulas — explicou Almeida.

Quando o melhor aluno da equipe faltou uma semana inteira, por exemplo, foi cortado da semifinal do Campeonato Brasileiro. A reclamação dos professores de um estudante acaba em papo ao pé do ouvido no fim do treino.

— Sou o que sou por causa desse projeto e por causa do Costa. A gente aprendeu com ele que não dá para ser um professor comum. A gente tem que dar mais — disse Alexandre Almeida.

A sala de troféus está lotada. Desde 2001, o colégio representa o Rio em pelo menos alguma categoria dos Jogos Escolares Brasileiros. Três atletas formados no projeto já passaram pela seleção brasileira. Uma delas, Lucíolla, participou, inclusive, de três Olimpíadas (2000, 2004 e 2008). Em 2014, a equipe conseguiu o segundo lugar no Brasileiro de clubes.

Dois ex-atletas do time agora ajudam nas aulas, depois de se formarem em Educação Física. Dutra e Almeida consideram a dupla seus sucessores. A professora Simone Almeida, da Escola Municipal Almeida Garrett, está pensando em implementar um projeto parecido na sua escola, mas com vôlei, e ouviu quem já tem a medalha de ouro nesse quesito.

— É sensacional ouvir a história deles. Era só um sonho, e eles nem podiam imaginar o quanto ia crescer. Eu sinceramente acredito no esporte como fator de transformação — afirmou Simone.



“O projeto faz com que o garoto passe mais tempo na escola, se interesse por uma atividade que forma cidadãos.”

“Se você pegar 2000 alunos, 10, 5 deles se tornarão atletas. Mas você transforma a vida de um menino que estaria praticando coisas erradas a sair desse universo.”

JOEL DUTRA,

PROFESSOR DE EDUCAÇÃO FÍSICA

joeltd@ig.com.br

UMA SAÍDA PARA O ÊXODO RURAL

Um grupo de 15 municípios forma a região Baixo Sul da Bahia, que tem cerca de 360 mil pessoas. Muitas delas não viam o campo como um lugar muito promissor profissionalmente. Para tentar mudar esse quadro, entraram em ação as Casas Familiares Rurais, pequenas associações voltadas aos jovens agricultores, focadas em educação. São ações que fazem parte do Programa de Desenvolvimento e Crescimento Integrado com Sustentabilidade do Baixo Sul da Bahia (PDCIS), criado pela Fundação Odebrecht. Com elas, espera-se, inclusive, colocar um freio no êxodo rural.

Atualmente há Casas funcionando em três municípios do sul baiano, cada qual voltada para uma especificidade: Tancredo Neves (agropecuária), Nilo Peçanha (agroflorestal) e Igrapiúna (agronegócio). Nelas, o ensino médio é integrado à educação profissional. Estima-se que, apenas em 2014, o programa capacite 280 estudantes, beneficiando indiretamente 2,8 mil pessoas em mais de 200 comunidades da região. As três possuem certificado do Ministério da Educação.

— Há quem não acredite que é possível viver bem no campo. Esse era um dos nossos desafios. Buscamos construir, na prática, uma vida melhor para essas pessoas, a começar pela educação — avaliou Joana Almeida, assessora educacional: — Fui morar em Tancredo Neves por um tempo para entendê-los. Encontrei pobreza material, mas não pobreza espiritual. A gente precisava de uma pedagogia que desse conta dessa riqueza.

Os alunos passam uma semana na Casa e continuam seus estudos nas duas semanas seguintes com suas famílias, sempre acompanhados por monitores. Ao longo da formação, são feitas 45 alternâncias desse tipo. Esse formato é o pilar dessa pedagogia por promover tempos de formação teórica e prática.

— Isso não seria possível se não tivéssemos um plano educacional. As idas e vindas precisam ser notórias. Eles colocam tudo na mochila e deixam a família por um tempo. Na sexta alternância, já estão diferentes. Os educadores também vivem em transformação. Não há quem não se transforme nessa interação — reforçou Joana.

Exemplo do resultado alcançado, Benivaldo dos Santos, de 26 anos, concluiu sua formação na CRF de Tancredo Neves. Hoje, participa de uma cooperativa na cidade, onde produz alimentos, como abacaxi e aipim, com uma renda estimada em R$ 2,5 mil mensais:

— Lá, pude ver que morar na Zona Rural era possível. Me deu um novo horizonte e a certeza de que é possível viver no campo de forma digna. Minha família só almoçava um pouco melhor no domingo. Roupas só eram compradas no São João e no fim de ano. Depois, a minha vida mudou, e a da minha família também.



“A gente faz, praticamente, uma alfabetização no primeiro ano do ensino médio.”

JOANA ALMEIDA,
ASSESSORA EDUCACIONAL
www.fundacaoodebrecht.org.br/PDCIS

AS COMPETÊNCIAS SOCIOEMOCIONAIS

Inaugurado em 2013, através de uma parceria entre a Secretaria de Estado de Educação e o Instituto Ayrton Senna, o Colégio Estadual Chico Anysio, localizado no Andaraí, é um exemplo bem-sucedido do programa Dupla Escola, um modelo de jornada integral criado em 2008, que agrega ao ensino médio cursos voltados para o desenvolvimento de competências, atitudes e valores indispensáveis para a vida profissional e em sociedade.

Entre as abordagens inovadoras contempladas na proposta estão a integração das áreas do conhecimento, o desenvolvimento do protagonismo juvenil e da autonomia do aluno através de projetos interdisciplinares, projetos de vida de autogestão, o equilíbrio entre o trabalho com competências acadêmicas e socioemocionais e a utilização de tecnologias digitais.

— Tudo o que fazemos é focado no resultado que queremos alcançar com os alunos em sala de aula. A gente desenha propostas pedagógicas bem customizadas com as secretarias de Educação, além de desenvolvermos materiais de orientação para gestores, professores e alunos. Nosso objetivo vai além da simples transferência de conhecimento — disse Mônica Pellegrini, coordenadora de projetos da área de Educação do Instituto Ayrton Senna.

Os professores do Chico Anysio foram capacitados por especialistas em educação do Instituto Ayrton Senna com um curso de 64 horas de formação, voltado para metodologias do ensino integral.

Diferentemente das outras unidades que pertencem ao programa Dupla Escola, o Chico Anysio oferece o ensino médio experimental com formação geral não profissionalizante.

— A ideia é que os alunos reflitam sobre sua trajetória escolar e sobre situações que permitam a construção de suas identidades e seu projeto de vida. Queremos que eles saiam com um futuro de vida desenhado, sabendo o que vão buscar — explicou Mônica.

Dentro do programa, a unidade de ensino médio oferece formação em mercado e negócios, aulas de luta olímpica e esgrima. As duas modalidades contribuem para o bom desempenho escolar dos alunos, estimulando a disciplina, autoestima e concentração.

A professora Margaret Muniz trabalha na rede municipal de ensino e é gestora de uma creche no Morro do Borel, na Zona Norte do Rio. Para ela, a experiência do Chico Anysio trouxe ares de esperança:

— Eu trabalho com educação infantil, especificamente com educação inclusiva. Desde o início, a gente já se preocupa em preparar o aluno para a vida. Aqui, meus horizontes se expandiram e vi que eles podem conseguir dar seguimento aos estudos com apoio de projetos como esse.



“Os professores me perguntam sobre como julgar as competências socioemocionais dos alunos. Quando vamos a um conselho de classe e precisamos decidir sobre um desempate ou sobre dar ou não cinco décimos a um aluno, por exemplo, estamos usando a avaliação socioemocional.”

MÔNICA PELLEGRINI,
COORDENADORA DO INSTITUTO AYRTON SENNA
http://senna.globo.com/institutoayrtonsenna

CRAQUE DE BOLA E DE ESCOLA

O Instituto Bola Pra Frente, fundado pelo ex-jogador de futebol Jorginho em 2000, em Guadalupe, Zona Oeste do Rio, educa crianças de 6 a 9 anos através do esporte. A instituição atua diretamente em 12 escolas municipais do Complexo do Muquiço, em Guadalupe, Zona Oeste do Rio. Segundo Victor Ladeira, diretor executivo do Instituto, a ideia é levar os conceitos do futebol para a sala de aula e, assim, ajudar no aprendizado.

— As crianças já entram em campo sabendo das regras do jogo. Elas entendem o que é um cartão vermelho, um cartão amarelo, respeitam a figura do juiz como um mediador e a do treinador como um tutor. Por que eles não respeitam o professor da mesma maneira? Aí entra o esporte educacional, que contribui para educação, inclusão e participação, cooperação e corresponsabilidade — afirmou Ladeira.

O objetivo não é valorizar a competição entre as crianças: “Queremos formar homens e mulheres que sonham e querem uma vida melhor”, explicou o ex-jogador Jorginho em um vídeo exibido durante a palestra. Esse objetivo vem sendo alcançado e é comprovado por números: 93% das crianças e adolescentes se sentem seguros dentro da instituição; 80% dos jovens que se formam, aos 18 anos, conseguem um emprego até um ano depois de saírem do Instituto; 88% dos estudantes que frequentam o Bola Pra Frente estão com as notas na média 7 ou acima.

Atuando em uma comunidade que ainda não foi pacificada, o trabalho é também uma maneira de tirar crianças e adolescentes do tráfico de drogas.

— Os traficantes conhecem nosso trabalho, eles nos respeitam. O que acontece é um acordo de cavalheiros: os meninos até completarem 18 anos são nossos. Depois, estão livres. Queremos mudar a cabeça desses jovens de uma maneira que, para eles, não faça sentido entrar para o tráfico — disse o diretor.

Ladeira, aliás, não acredita na justificativa de que “o tráfico paga mais” quando um adolescente escolhe esse caminho:

— Entre 10 e 14 anos, ninguém está preocupado com o quanto vai ganhar. Eles querem se destacar, querem ser bons em alguma coisa. Se ter uma pistola e um rádio na cintura vai fazer dele respeitado, é isso que ele acaba escolhendo.

O professor de Educação Física João Augusto trabalha na Escola Municipal Madre Benedita, em Guadalupe, e contou que muitas crianças que estão no Bola Pra Frente são seus alunos. Professor há 39 anos, ele mesmo vê no esporte uma chance de transformação:

— Os meninos são como meus netos. Faço escolinha de vôlei, basquete. Teve uma época em que eu mesmo pagava pelos materiais.



“Nossa intenção não é proporcionar atividade ou formar atletas. Nosso foco é a educação, e o esporte é a linguagem. Damos o conteúdo que as crianças já estão aprendendo em sala de aula. O que queremos é formar o cidadão.”

VICTOR LADEIRA,

DIRETOR EXECUTIVO DO INSTITUTO BOLA PRA FRENTE

www.bolaprafrente.org.br

TRANSFORMAÇÃO PELAS ARTES PLÁSTICAS

"Aprendi que quem tem um sonho deve lutar por ele.” O trecho da carta de uma aluna do Colégio Estadual Almirante Tamandaré, do município de Japeri, na Baixada Fluminense, tem tudo a ver com a história da destinatária, a professora de Educação Artística Peter Jean Cohen. Há pouco mais de dez anos, ela deu início a um projeto que ensinava artes além da sala de aula. A partir daí, não parou de formar talentos. Seus alunos já conquistaram os primeiros lugares em premiações na República Tcheca e na China, e ela tem um ateliê público batizado com o seu nome.

A história começou com a insatisfação da professora com as suas próprias aulas. Sem saber ao certo o caminho a tomar para que o seu método de ensino ficasse mais eficaz, Peter foi ao cinema. E levou seus alunos com ela.

— Pedi autorização à diretora, depois consegui com uma rede exibidora, em Nilópolis, apoio para exibição gratuita e, com a Supervia, um vagão exclusivo só para essa nossa aventura. Levamos cem alunos, e o mais legal foi saber que o passeio era novidade para quase todos — lembrou a professora.

A experiência extraclasse foi tão bem-sucedida que o colégio promoveu outros passeios culturais. Peças de teatro, shows e exposições foram os novos destinos. E a emoção dos alunos, ao conhecer diferentes maneiras de expressar arte, foi estimulante. Tanto que Peter, que também é bailarina, decidiu compartilhar seus conhecimentos na dança com eles. Passou a dar aulas de jazz e balé, mas, com o aumento do número de alunos no colégio, acabou perdendo a sala de ensaio. Por isso, partiu para o curso de pintura.

Peter deu os primeiros riscos do que viria a ser o projeto Multiarte. Tudo o que ela aprendia nas aulas num ateliê repassava aos alunos. Primeiro, o guache; depois, a tinta a óleo e o reconhecimento público. Na primeira exposição que fizeram em Japeri, todos os quadros foram vendidos. A venda continuou em outras exposições.

Para Peter, o resultado desse trabalho, que começou com uma ida ao cinema, parece um conto de fadas.

— É muito bom ver alunos recebendo dinheiro por suas obras e ajudando os pais nas compras de casa. Parece história de filme — disse a professora, que levou três alunos para pintar durante a apresentação: Lucas Araújo, Ingrid Gomes e Monique Guimarães, que chegou a vencer o Concurso Internacional de Pintura Infantojuvenil, da República Tcheca, em 2011, concorrendo com 27 mil trabalhos.

No final da palestra, houve um debate com a plateia. Entre as questões levantadas, educadores lamentaram o fato de o ensino de arte, apesar de obrigatório, não ser oferecido em muitas escolas da rede pública.



“O difícil, todo mundo faz. Mas quando se pensa no impossível, é preciso perseverar. Perdedor é aquele que desiste.
Um aluno meu chegou para mim e disse que depois que começou a pintar estaria achando até o matinho seco bonito. Aquilo foi o ‘máximo’ que ouvi na minha vida.”

PETER COHEN,
PROFESSORA DE ARTES
http://multiarteceat.blogspot.com.br

BIBLIOTECA INFANTIL NA REDE: ALUNOS AUTORES

O gosto pelo mundo digital, visto por alguns pais e educadores como um “inimigo” que afasta as crianças dos livros, transformou-se em um poderoso aliado para as professoras Lauriana Guttierrez e Liliana Mendes, do Colégio de Aplicação João XXIII, da Universidade Federal de Juiz de Fora, em Minas Gerais. Juntas, elas criaram a Biblioteca Virtual Infantil, com um acervo composto por textos e ilustrações produzidos pelos alunos dos anos iniciais do ensino fundamental.

— O projeto teve como eixo repensar as práticas de leitura e escrita para além da sala de aula, usando as novas tecnologias — disse Lauriana, idealizadora e coordenadora da Biblioteca Virtual Infantil.

Lançada em 2013, a iniciativa se dedica a estudantes do 3º ano do ensino fundamental. Primeiro, as professoras oferecem literatura aos alunos. A partir da leitura, eles fazem pesquisas e constroem seus textos.

— Vamos criando redes intertextuais, um texto vai puxando o outro. Em uma das atividades, propusemos que eles construíssem uma história em quadrinhos. Fizemos um roteiro, com uma temática, no caderno. Depois, fomos para o computador. Junto à construção da escrita, vem a construção dos cenários. Em seguida, a reescrita, onde corrigimos o texto com o aluno — contou Liliana, que é co-orientadora do projeto.

Um dos desafios da iniciativa é o que elas chamaram de “internetês”, a forma abreviada com que as crianças escrevem nos meios digitais, suprimindo as vogais. Para vencer essa prática, Liliana e Lauriana identificaram a necessidade de alfabetizar letrando digitalmente as crianças.

— Partimos do mapeamento dos textos a que os alunos têm acesso no meio digital e percebemos a dificuldade de encontrar material paradidático que discuta essa questão das novas tecnologias de forma adequada. Produzimos, então, um material paradidático: “A turminha dos arteiros”, que está disponível para download na internet — disse Lauriana.

Sempre em evolução, o site da biblioteca oferece fábulas, autorretratos, histórias em quadrinhos e até livros de receitas. Os próximos passos serão a produção de audiobooks e uso da linguagem brasileira de sinais (libras).

Ana Paula, professora da rede municipal do Rio de Janeiro, buscou na palestra conhecimento para conseguir divulgar os projetos que vem executando dentro da creche em que trabalha:

— Gostaríamos de divulgar os projetos nas redes sociais e num blog, que estamos querendo construir. Queremos somar valores e ideias ao nosso projeto — disse a professora, considerando a experiência animadora: — É uma oportunidade para abraçarmos maior conhecimento.



“Nós percebemos a importância de se trabalhar a leitura enquanto elemento interdisciplinar porque ela perpassa todas as disciplinas.”

LAURIANA GUTIERREZ,

PROFESSORA DO COLÉGIO DE APLICAÇÃO JOÃO XXIII

www.ufjf.br/bibliotecavirtualinfantil

ESCOLAS RURAIS CONECTADAS

Uma das contrapartidas exigidas pela Anatel para que as empresas de telecomunicações entrassem no leilão da banda 4G foi a conexão das escolas localizadas em áreas rurais do país. Por isso, estima-se que cerca de 22 mil unidades de ensino serão conectadas até dezembro de 2015, por meio da Fundação Telefônica Vivo.

A implementação dessa estratégia começou na escola municipal Zeferino Lopes de Castro, em Viamão, região metropolitana de Porto Alegre (RS). A instituição atende do 1º ao 9º ano do ensino fundamental e tem 120 alunos. Todos eles têm notebooks ou tablets com acesso à internet de alta velocidade, recursos tecnológicos que são utilizados nas aulas regulares e não apenas em momentos especiais, como destacou Ariane Duarte, gerente do projeto.

— Ali nós implantamos um modelo, que tentamos levar para as demais escolas rurais. Estamos utilizando a tecnologia para tentar qualificar não só os alunos, mas também professores, por meio de oficinas digitais, já que é natural que haja um descompasso nas áreas mais carentes — destacou a gerente.

A iniciativa acabou indo além da conexão à internet. Na escola gaúcha, os alunos têm aulas extracurriculares de robótica e de lógica de programação, nas quais podem utilizar na plenitude os novos recursos tecnológicos disponíveis, nas quais, frequentemente, ensinam algo novo aos próprios professores.

— Nossas oficinas qualificam os professores, mas a verdade é que os alunos são nativos do mundo digital, cresceram com essa tecnologia e sabem utilizá-la melhor que muitos mestres. O papel dos professores é estimular e orientar o uso da tecnologia, para que eles possam utilizá-la de forma autônoma para estímulo ao aprendizado e não apenas como entretenimento — afirmou Ariane.

A implantação do projeto na escola Zeferino Lopes de Castro trouxe outros benefícios para Viamão: a prefeitura redefiniu os parâmetros tecnológicos de todas as 63 escolas da rede e vai levar, por recursos próprios, os benefícios da iniciativa para todos os estudantes da rede municipal de educação.

Com a conexão, também chegou uma preocupação com a qualidade do conteúdo acessado pelos jovens. E esse foi um dos assuntos perguntados a Ariane: o que fazer para os alunos não ficarem ligados apenas em aplicativos e jogos?

— No início, os adolescentes ficam enlouquecidos, mas eles aprendem que há momentos para o jogo, já que podem levar o computador para casa. Uma diretora, inclusive, notou que as crianças ficavam sentadas na calçada da escola aos domingos, por causa da conexão. Ela, então, passou a abrir a escola no fim de semana para elas não ficarem na calçada.



“A gente trabalha com eles a importância do manejo da terra. A ideia não é tirar todo mundo de lá e falar para eles ‘venha para a cidade você também’. A nossa perspectiva é melhorar a vida deles no campo.”

ARIANE DUARTE,

GERENTE DO PROJETO

www.escolasrurais.org.br

ESCOLA AMORIM LIMA: MÉTODOS SEM PROVAS

Uma escola que não separa os alunos por série, não aplica provas e tem um currículo flexível. Assim é a Escola Municipal Desembargador Amorim Lima, em São Paulo, inspirada no modelo da Escola da Ponte, em Portugal, idealizada pelo educador português José Pacheco.

— Há 19 anos, quando comecei a trabalhar na Amorim Lima, percebi que era um local cheio de grades e todo pintado de cinza para esconder a sujeira. Além disso, havia um problema grave de professores ausentes — contou Ana Elisa Siqueira, diretora da escola.

O projeto foi implementado em 2004, e hoje atende 800 alunos do ensino fundamental, do 1° ao 9° ano. As aulas têm duração diária de cinco horas, mas, em vez do quadro-negro, há rodas de conversa e oficinas nas quais os estudantes trabalham em grupos de cinco, orientados por três professores. O aluno é responsável pela elaboração do seu roteiro de pesquisas.

—Se o aluno não consegue cumprir o seu roteiro até o fim do ano, ele não é reprovado, mas precisa concluir as pesquisas no ano seguinte. Se, no 9º ano, ele ainda tiver pesquisas a serem concluídas, então ele fica mais um ano na escola. Mas isso é raro de acontecer, já que ele tem bastante tempo para assumir responsabilidades — explicou Ana.

O projeto da escola nasceu a partir de uma iniciativa dos pais. Insatisfeitos com os problemas da instituição, eles decidiram ir à direção, que criou um conselho deliberativo para aumentar a participação da comunidade na rotina escolar. Em um desses encontros do conselho, o modelo da Escola da Ponte foi sugerido pelo grupo, que decidiu encarar o desafio de implementar o projeto tão inovador.

— Havia muita insatisfação na escola, por isso decidimos tentar — afirmou a diretora.

O início do projeto foi marcado por dificuldades. Além da adaptação ao modelo, houve conflitos entre os entusiastas do projeto e pais e professores, que discordavam da proposta. O quadro de desconfiança ficou para trás tão logo a proposta foi colocada em prática.

Professora da Faetec, Risomar Guedes perguntou à diretora sobre o tratamento que a Amorim Lima — cujas turmas são marcadas por diferentes níveis de aprendizagem — dispensa aos alunos com altas habilidades.

— O educador pode trazer mais desafios para esse aluno. Nós oferecemos oficinas de Matemática, por exemplo, para os que desejam participar de Olimpíadas de Matemática. Oferecemos também um curso, ministrado por pais voluntários, para os que querem cursar escolas técnicas federais — respondeu a gestora.



“O que a gente tem que fazer é preparar esses alunos para que eles queiram estudar cada vez mais, para inventarem projetos de vida. Essa escola dá a oportunidade para o aluno pensar sobre a própria vida. Ele aprende a lidar com a própria realidade.”

ANA ELISA SIQUEIRA,
DIRETORA DA ESCOLA
http://amorimlima.org.br

DIVERSÃO E INFORMAÇÃO NO MUSEU CATAVENTO

O Museu Catavento Cultural e Educacional ocupa uma região de oito mil metros quadrados no Centro de São Paulo. Situado no prédio histórico do Palácio das Indústrias, construído no início do século XX, apresenta 250 instalações, que já atraíram mais de dois milhões de visitantes em cinco anos.

A equipe de educadores não economiza recursos para instigar a curiosidade do público. De uma simples placa ao lado do bebedouro a simuladores que reproduzem o sistema solar, todos os espaços são voltados para despertar o cientista que existe dentro de cada um dos visitantes.

— Pensamos em instalações que transmitissem conhecimentos básicos e causassem perplexidade. É preciso sair com dúvidas do museu, que é um espaço de educação não formal. E caberá à escola a tarefa de se aprofundar nos conteúdos – afirmou Ana Rita Carlos Lima, coordenadora de projetos do educativo do museu.

Ao lado do bebedouro, por exemplo, há um cartaz com a informação de que a água foi trazida pelos cometas.

— Nós jogamos a informação para que o visitante procure por si só a resposta — contou Ana Rita. — No fundo, a gente quer formar uma nova geração de cientistas através do museu.

Há quatro ambientes principais de exposição: Universo, Vida, Engenho e Sociedade. No espaço reservado à vida, é possível transitar por conteúdos da genética e da biologia. No Engenho, o público desvenda o funcionamento de estruturas criadas pelo homem, entrando em contato com a ótica e a mecânica. Já

no ambiente Sociedade, a ecologia e a nanotecnologia ganham destaque, assim como a prevenção às drogas. A astronomia e o interior da Terra estão representados no Universo.

— No espaço sobre prevenção às drogas, o público é convidado a usar óculos que distorcem a visão e terá que percorrer um trajeto com obstáculos — afirmou Pedro Jackson Nascimento, educador do museu. — A gente pensou numa forma de simular a embriaguez, porque nós queremos que o público vivencie os temas.

O museu oferece 17 roteiros diferentes. Em um deles, o visitante conhece um estúdio de TV. Segundo Nascimento, é possível aprender a usar uma câmera de forma diferente no estúdio:

— No Engenho, são apresentadas noções de ótica através de uma lente. E, no espaço da vida, vamos saber como a visão é processada.

Na seção dedicada ao Universo, o público tem acesso a tecnologias interativas e pode chacoalhar, literalmente, a bordo de uma nave espacial, onde imagens em 3D do sistema solar são exibidas em um imenso telão.



“Nós temos como regra não abordar os assuntos profundamente. Já estamos na terceira geração de educadores do Catavento. E, durante a capacitação, eles têm encontros com sumidades, como Marcos Pontes, o astronauta brasileiro.”

ANA RITA CARLOS LIMA,
COORDENADORA DO MUSEU
www.cataventocultural.org.br

AS CRIANÇAS SÃO AS DONAS DA HISTÓRIA

Era uma casa mal-assombrada com séculos de história pra contar sobre o Sertão do Cariri, no município de Nova Olinda, Ceará. A ideia era restaurar o edifício para ali criar a Fundação Casa Grande, um centro de resgate da Pré-História e da cultura dos cariris. Assim foi feito em 1992. Lá dentro, estava o Memorial do Homem Kariri, com peças arqueológicas e exposições sobre os sítios mitológicos da região, como o Reinado Encantado, que inspirou Ariano Suassuna em seu “Romance d’A pedra do reino”. Só que houve um imprevisto: as crianças invadiram a casa. Foi criada, então, a Escola de Comunicação Meninada do Sertão.

— É que a Casa Grande começou na época da “bila” (bola de gude) — contou Francisco Alemberg de Souza Lima, diretor-presidente da escola, lembrando que as crianças ficavam brincando no terreno da casa, até que perceberam que ali havia um museu: — A relação entre o brinquedo popular e a ciência estava numa calçada.

Quando os meninos começaram a entrar na casa, a equipe da fundação passou a contar lendas para eles. Depois, criaram uma escola de iniciação à Casa Grande.

— Foi quando começaram a estudar a arqueologia e a mitologia local para trabalharem como guias no Memorial. Eles acompanhavam até as escavações — disse Alemberg, que é neto do primeiro proprietário da casa.

Hoje, a escola forma crianças e jovens nas áreas de comunicação, artes, memória e turismo. Quarenta meninos da comunidade dirigem a Meninada do Sertão, atuando como professores e gestores. Com 11 laboratórios, a instituição oferece acesso a um acervo de mais de 3,5 mil gibis, CDs, DVDs de filmes

clássicos e documentários, e uma infraestrutura que possibilita a prática em rádio, vídeo e montagem de espetáculos. Os jovens comandam a programação de uma rádio comunitária entre 8h e 19h, e a equipe de vídeo já produziu material para o Canal Futura, a ONU e a Unesco.

— Qual é o conteúdo do trabalho do nosso projeto? É a capacidade que a criança tem de perceber as coisas e repassar para o outro. Você chega à casa e vê crianças de 4 anos no laboratório de vídeo — contou Alemberg à plateia.

O comando do Memorial foi entregue à meninada aos poucos, e logo os jogadores de bila passaram a assumir postos de diretoria. O agitador de brincadeiras, por exemplo, tornou-se diretor cultural, enquanto o menino organizado, habituado a varrer a calçada, foi nomeado diretor de manutenção. Os dois com 8 anos de idade.

— Tem gente que me pergunta sobre a pedagogia utilizada na escola. Qual é a pedagogia utilizada por uma mãe? Pois então, eu digo que eu adoto a pedagogia de mãe afirmou Alemberg, feliz da vida com os resultados.



“Não adianta encher o espaço de interatividade. Tem que ser um espaço onde o cachorro que passa dê uma paradinha debaixo da mesa pra fugir do calor.”
“O adulto é traidor da infância. Ele se esquece dos seus sonhos de criança.”

FRANCISCO ALEMBERG,
DIRETOR DA ESCOLA
www.fundacaocasagrande.org.br

MATEMÁTICA RIO: AULAS ‘POPS’ PARA A INTERNET

Se o brasileiro Artur Ávila trouxe para o país a primeira Medalha Fields de Matemática, considerada o “Prêmio Nobel” da disciplina, nossos estudantes na educação básica ficaram entre a 57ª e a 60ª posições no ranking de 65 economias globais que participaram de provas do Programa Internacional de Avaliação de Alunos (Pisa) de 2012. No entanto, pequenas iniciativas que brotam de Norte a Sul mostram que as equações e frações podem não ser o bicho de sete cabeças na escola.

Foi isso que o professor Rafael Procópio, de 31 anos, quis demonstrar ao tentar solucionar os problemas que envolvem o ensino da Matemática. Em 2010, Procópio lançou no YouTube o canal Matemática Rio, cuja intenção inicial era apenas postar videoaulas que serviriam como complemento ao conteúdo que ele ensinava na Escola Municipal Rosa da Fonseca, em Deodoro, na Zona Oeste do Rio, onde trabalha. Seria apenas mais um caso de educador que utiliza as novas ferramentas da tecnologia para expandir o poder da aprendizagem.

Mas, empolgado com a audiência, o docente resolveu inovar, lançando vídeos em que explica fórmulas, raiz quadrada e outros tópicos ao som de Anitta, Sorriso Maroto e Luan Santana. Resultado: em quatro anos, o Matemática Rio já conta com 80 mil seguidores no YouTube e 50 mil no Facebook.

— Meu vídeo de maior sucesso foi a paródia que fiz do funk do “Quadradinho de oito”, que teve sete milhões de acessos. Mas engana-se quem pensa que eu gosto de fazer paródia. Elas servem no máximo para entreter o aluno e atraí-lo para a Matemática. Não serve para ensinar muita coisa, no máximo para decorar — explicou Procópio.

De fato, dos 485 vídeos já publicados no canal, poucos são paródias de músicas populares. O sucesso do Matemática Rio está, na verdade, na forma como os conteúdos são trabalhados. Um deles reproduz o episódio em que o jovem matemático alemão Johann Carl Friedrich Gauss, então com 12 anos, descobriu a fórmula da progressão aritmética no final do século XVIII, enquanto cumpria um castigo imposto pelo seu professor, que o teria obrigado a fazer a soma dos números inteiros de um a 100.

Toda a cena foi reconstruída por Procópio, sendo o protagonista, Gauss, interpretado por um de seus alunos. O vídeo “Carlos Frederico Gauss” já teve quase seis mil visualizações.

No Matemática Rio, há desde desafios matemáticos até aulas específicas sobre determinado tema, mas na linguagem do aluno. Se em um vídeo o estudante pode aprender sobre parábolas, em outro é possível saber como fazer um dodecaedro com papel e responder a desafios matemáticos, alguns até virais em redes sociais.



“Os mais interessados vão procurar aquele tema na internet para procurar um reforço ou outra forma de explicação para aquela matéria. É até por isso que eu nunca me limitei a fazer videoaulas, porque estaria apenas replicando o modelo tradicional de aula. E nada mais.”

RAFAEL PROCÓPIO,
PROFESSOR
www.matematicario.com.br

A ARQUITETA QUE PROJETA AS ESCOLAS DOS SONHOS

A escola como extensão da cidade, e a cidade integrada ao processo educacional. Esse pensamento norteia as ambições da arquiteta e urbanista Beatriz Goulart, dedicada a conceber projetos de escolas do futuro. Entre as muitas variáveis, uma certeza se impõe: trata-se de um processo colaborativo, repleto de nuances e pontos delicados, que ultrapassam as noções do espaço físico.

— Por que as escolas são iguais no Brasil inteiro, do mesmo jeito? Por que sala de aula e corredor? Por que o banheiro nunca é bonito? Precisamos questionar os 50 minutos de aula e o tipo de relação entre o aluno e o professor — afirmou Beatriz. — O que me pergunto é como produzir territórios educativos coletivamente. A escola às vezes não é um território educativo. O que me interessa são os lugares de aprender, de ensinar.

Historicamente, a criação do território da escola foi inspirado em conventos e prisões, configurado como espaço de controle do prazer e de padronização. Segunda a arquiteta, “qualquer mudança sempre foi mal vista”.

— A infraestrutura urbana e a qualidade interferem no ensino. Você se depara com um aluno de caligrafia ruim, que não sabe escrever, e percebe que o menino não tem mesa na casa dele — explicou a arquiteta.

Beatriz ressaltou a importância de políticas públicas de integração, mas sustentou que a discussão entre a comunidade e membros da escola é o fator primordial das mudanças:

— Parece que as pessoas querem que o governo faça um projeto lindo e de que todo mundo vai gostar. Mas metade não vai gostar. Quem tem que participar disso são as pessoas, não o município. A escola boa é a que você vai fazer no seu coletivo.

Tendo como base projetos criados para as cidades de Cabo de Santo Agostinho e Jaboatão dos Guararapes, em Pernambuco, e Serra Grande, na Bahia, Beatriz explicou que a metodologia de seu trabalho vai além de uma mera apresentação ou imposição de um projeto. É preciso existir um pacto entre os envolvidos. Entre as dinâmicas testadas, várias duplas (a maioria formada por um aluno e um adulto, seja pai ou funcionário) ficaram encarregadas de explorar ambientes da escola. Alguns resultados foram reveladores:

— Descobrimos que muitos não entravam na biblioteca porque a bibliotecária era muito brava e não deixava escolher certos livros. Enquanto os pais queriam aumentar o muro, os alunos queriam tirá-lo. As crianças ficaram indignadas quando descobriram que as serventes não tinham banheiro próprio e que o papel higiênico que elas usavam era pior. A coletivização dos problemas da escola mexe muito com a relação de poder.



“A vida vai ficar dividida até quando? Quem está vencendo é a cidade. E a escola perde.
A gente está pensando formas de integrar a escola à cidade.
Estamos estudando como o cuidado com a escola pode entrar no currículo.”

BEATRIZ GOULART,
ARQUITETA
www.cenariospedagogicos.com.br

UMA NOVA ROTINA COM O TEMPO INTEGRAL

Trocar o sistema de turnos pelo tempo integral transformou a Escola de Educação Infantil do Sesc Santo Ângelo, no Rio Grande do Sul. A instituição, que funcionava em turnos desde 2005, precisou mudar toda a sua rotina em 2008, depois de reorganizar suas metas para a estruturação das Escolas. O resultado foi uma nova relação entre as crianças e os professores.

— Esse movimento não foi nada tranquilo. Tivemos que reinventar nossa visão em muitos aspectos e nos questionar muito. Aprendemos todos os dias a construir a nossa escola — disse a supervisora pedagógica, Juliana Beatriz Machado Rodrigues.

O primeiro passo foi repensar a rotina diária. As crianças, que ficavam cinco horas por dia na instituição, passaram a frequentar o espaço por dez horas diárias.

— No início, esse cronograma parecia ser o maior desafio. Vamos trabalhar com oficinas ou projetos para ocupar as horas? Depois percebemos que havia outros momentos importantes e não curriculares que a gente não estava enxergando — contou Juliana.

Da chegada da criança até a ida para casa, incluindo o refeitório, a hora de escovar os dentes e o “soninho da tarde”, todas as atividades passaram a ser levadas em consideração.

— Levar o prato até a mesa sem derramar o conteúdo parece simples, mas é preciso muito treino para encontrar o equilíbrio. Nós já passamos por isso, mas elas, não — explicou a educadora.

A forma de mudar esse processo veio num estalo, depois que Juliana viu uma charge que ironizava a quantidade de atividades em escolas de tempo integral. A gestora reuniu os professores e os incentivou a produzir charges sobre suas próprias rotinas:

— A partir dos desenhos, vimos que, na hora de escovar os dentes, nós é que passávamos a pasta na escova. Na hora de comer, as crianças eram servidas. Então, começamos a mudar os processos.

Diálogo e interação passaram a ser palavras de ordem na escola. No refeitório, as crianças passaram a se servir. Em vez de colheres, garfos e facas passaram a ser usados.

— Notamos quanto aprendizado há no refeitório. Para quem está descobrindo o mundo, o tempo é diferente. Às vezes a gente atropela as crianças, no desejo de controlar tudo — frisou Juliana.

Durante o debate, uma pessoa da plateia ficou curiosa sobre a relação da escola com os pais. Juliana respondeu que a família está presente desde o início do processo:

— A gente vai mostrando para eles o que nós estamos fazendo na escola, aí o relacionamento vai se estreitando. Às vezes, os pais até nos enviam bilhetes pedindo uma receita de algum prato que servimos nas refeições. Isso porque as crianças querem viver em casa o que vivem no Sesc, é o gosto da escola.



“O primeiro contato com os pais é feito através de um olhar que busca entender o cotidiano das crianças.
No banheiro, elas encontraram papel toalha. Percebemos que não era um elemento conhecido, por isso nós dissemos a elas o que era aquilo.”

JULIANA RODRIGUES,
SUPERVISORA PEDAGÓGICA
www.sesc-rs.com.br

PORTAL FGV ENSINO MÉDIO: DE OLHO NO ENEM

No ar desde 2012, o portal FGV Ensino Médio Digital, produzido pela Fundação Getulio Vargas, disponibiliza cursos e questões que ajudam tanto alunos quanto professores na preparação para o Exame Nacional do Ensino Médio (Enem). Já são 80 mil cadastros no site, sendo que 70 mil são de estudantes.

O portal nasceu com o objetivo de disponibilizar questões similares às do Enem na internet, segundo o supervisor de projetos da FGV, Valterlei Borges:

— Tentamos nos aproximar das questões do Enem. Por isso, temos um manual próprio para os professores que vão pensar as questões. O objetivo é democratizar o acesso.

Segundo ele, o portal não teria como apresentar questões exatamente como as do Enem porque não se tem acesso às estatísticas da prova:

— Esses dados são um tanto obscuros, e essa é uma das críticas ao exame. Mas, hoje, todo mundo terá que passar pela prova. Não tem jeito.

Depois de familiarizar os alunos com o conteúdo, e os professores com as questões, o próximo passo do projeto é aplicar a Teoria de Resposta ao Item (TRI) — um modelo estatístico utilizado em avaliação de habilidades e conhecimentos — às questões. Isso porque o Ministério da Educação usa esse método no exame.

— Estamos aprimorando. Aplicamos um simulado presencial, já que para avaliar e saber o TRI, a questão precisa ser feita por 200 pessoas, no mínimo. O ideal é que os dados da prova do Enem sejam liberados para conseguirmos

analisar melhor — afirmou Borges.

Para deixar o padrão cada vez mais próximo ao do Enem, o time ganhará um reforço. Foi o que apontou a assistente editorial do programa, Gabriela Visconti:

— Teremos um professor de Estatística para ajudar na aplicação do TRI. Nossa ideia é tornar o site cada vez mais interessante para alunos, professores e escolas.

A dificuldade é grande para elaborar cada item. Depois de pronto, ele vai parar no banco do site, que hoje tem cerca de dez mil perguntas cadastradas.

Os educadores selecionados para formular as questões passam por um treinamento, que dura um dia. Segundo a pesquisadora do portal, Mariana Gugliemo, o esforço está apenas começando:

— O processo é demorado e crucial. São três etapas: o professor elabora, depois passa por um leitor crítico, que avalia se enunciados, perguntas e outros elementos que compõem a questão estão em harmonia, e, por último, um coordenador de disciplinas é o responsável por analisar. As questões são pensadas para desenvolver as habilidades do Enem (cada área do conhecimento tem 30 habilidades) e avaliadas por um programa antiplágio.



“Liberar os dados do Enem é essencial para entendermos a prova. Algumas perguntas são tão difíceis que nós mesmos não as respondemos com rapidez. “Às vezes um conteúdo para formar o aluno é deixado de lado para que ele seja aprovado no Enem.”

VALTERLEI BORGES,
PROFESSOR
ensinomediodigital.fgv.br

GALPÃO APLAUSO: FORMAÇÃO PARA AS ARTES

Usar arte para capacitar jovens em situação de risco. Esse é o objetivo do projeto Galpão Aplauso, que atua na zona portuária do Rio de Janeiro. Em dez anos, cerca de sete mil jovens foram beneficiados. Resultado: o projeto foi premiado este ano na cerimônia do Development Impact Honors, do Departamento do Tesouro dos Estados Unidos.

Mantido pela ONG Instituto Stimulu Brasil, com financiamento do Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID), o Galpão atende jovens de 15 a 29 anos, com renda familiar de até dois salários mínimos, moradores de periferia, com baixa ou insuficiente escolaridade, e que não têm uma profissão. Hoje, a iniciativa tem cerca de 600 alunos.

De acordo com a presidente do projeto, Ivonette Albuquerque, o Galpão começou oferecendo aulas de teatro, dança, música, circo e artes plásticas. Logo no primeiro ano, os professores perceberam que seria importante incluir aulas de Português e de Matemática, como um reforço escolar. A dificuldade no aprendizado, no entanto, continuou.

— Notamos que, se as aulas explorassem a linguagem afetiva e se as histórias fossem contadas oralmente, eles entendiam rapidamente. A partir do entendimento, eles vão para a aula formal e aprendem a calcular e a analisar um texto.

Encontrar mecanismos para desenvolver esse lado nos alunos foi o maior desafio do Galpão Aplauso, segundo Ivonette:

— Esses jovens são criativos, sobreviventes de um mundo com violência. Eles têm um baixo aprendizado cognitivo, mas não uma deficiência cognitiva. Criamos dinâmicas para cada item do aprendizado. Para ensinar frações, por exemplo, vamos para a cozinha e mostramos que um quarto da pizza é igual a dois oitavos.

Dos 15 aos 18 anos, os alunos passam por uma fase preparatória. Após esse período, fazem oficinas profissionalizantes, como serralheria e solda.

— Muitos são soldadores durante o dia e músicos à noite — disse Ivonette, sinalizando que é importante aproximar a cultura do jovem das comunidades da do empregador: — Como nossos alunos têm uma carga comportamental diferenciada e são bons profissionais, os empregadores passam a gostar deles.

O supervisor pedagógico do Instituto Superior de Educação do Rio de Janeiro, Marcelo Sampaio, assistiu à apresentação do Galpão Aplauso e viu nas ações do projeto uma alternativa para melhorar a formação dos estudantes.

— Apesar de oferecermos curso técnico, vemos que os nossos alunos consideram importante o certificado, e não a formação. No final, nem todos conseguem entrar no mercado de trabalho. Nosso desafio é conseguir mudar isso, investir mais na formação para a vida, como é feito no Galpão.



“Os valores encontrados numa comunidade são sempre coletivos. Então, nós temos solidariedade, criatividade, afetividade e sociabilidade. Esses valores coletivos são estimulados para que eles conservem isso no mundo da rua e, principalmente, no mercado de trabalho.”

IVONETTE ALBUQUERQUE,

DIRETORA DO GALPÃO APLAUSO

http://aplauso.art.br

MANDALA DOS SABERES: CULTURA LOCAL EM ALTA

Numa lição de como as diferenças são capazes de se complementar, a pedagoga Sueli de Lima apresentou o método Mandala dos Saberes. Desenvolvida pela ONG Casa da Arte de Educar — que atua há 15 anos em favelas cariocas e no Brasil, nas áreas de educação integral, educação de jovens e adultos e direitos humanos —, a metodologia busca ampliar o diálogo entre escolas e seus territórios, relacionando a cultura local ao aprendizado. A ferramenta pode ser aplicada em vários setores e, agora, começa a ser usada em dez comunidades com UPPs na Grande Tijuca, na Zona Norte do Rio de Janeiro.

Para atingir esse objetivo, o plano pedagógico parte de mandalas, nas quais os saberes são relacionados. Segundo Sueli, a elaboração de mandalas demonstra possibilidades de se visualizar com mais clareza tudo aquilo que os estudantes possuem e que pode vir a ser relacionado com outros campos do conhecimento acadêmico. Dessa forma, ajudam a aproximar as escolas das comunidades, porque trabalham com construção de redes e processos participativos.

— Elas são instrumentos de construção desses diálogos entre o saber formal e o saber constituído da sociedade, do cotidiano, das nossas práticas. A linguagem acadêmica pode conversar com a linguagem cotidiana, artística. Trata-se de uma metodologia aberta e que não tem uma resposta certa — frisou a pedagoga.

A metodologia das mandalas nasceu em 2006, na Favela da Mangueira, com o desafio de tentar deixar mais clara para os professores parte dos saberes que os estudantes possuem e, ao mesmo tempo, esclarecer para esses alunos os desafios

do saber acadêmico. Desde 2007, o método é utilizado em dez mil escolas do país com os piores índices de rendimento por meio do programa Mais Educação, do governo federal.

— Já fizemos várias rodadas de diálogos com professores no país inteiro. O método mostra as possibilidades de pensarmos uma educação para além de um sistema escolar. Não temos um sistema de educação, que é aquele que articula escola com museu, escola com biblioteca, com as ONGs, com a praça. Precisamos conquistar uma compreensão de educação para além da escola, articulada com a questão dos direitos, da saúde — defendeu a educadora.

Na plateia, surgiu uma questão: como se caracteriza essa metodologia das mandalas? Interdisciplinar, multi, trans?

— É intercultural. É o “entre” que interessa, entre mim e você, entre culturas, entre grupos sociais, entre saberes, entre linguagens. É o espaço de troca. Temos diversas manifestações culturais, e elas não estão participando da produção escolar – respondeu Sueli.



“Somos um povo muito rico culturalmente. Mas essas manifestações culturais não estão impactando nossa produção escolar.”

SUELI LIMA,

PEDAGOGA

www.artedeeducar.org.br

VIRADA EDUCAÇÃO: MOVIMENTO ENTUSIASMO

Responsável pela Virada Educação, evento que mobilizou a cidade de São Paulo no primeiro semestre de 2014, o Movimento Entusiasmo pretende transformar a rua em ambiente de aprendizado e trocas entre os estudantes e a sociedade civil. A iniciativa promoveu mais de uma centena de atividades, como palestras, apresentações artísticas e oficinas, no dia 17 de maio de 2014, nas ruas do Centro de São Paulo.

No encontro, o idealizador do coletivo, o jornalista André Gravatá, destacou os objetivos do grupo, que pretende estimular iniciativas semelhantes pelo país e incentivar os diferentes potenciais dos alunos.

— Nós entendemos que a rua é um espaço de interações, trocas e aprendizado. Temos que levar a rua para dentro da escola e a escola para a rua, para que essas trocas aconteçam de verdade. É um aprendizado que vai muito além das salas de aula — explicou o jornalista, que fundou o coletivo ao lado de quatro amigos.

Durante a Virada, as escolas abrigaram atividades que geralmente são bem-vindas pela juventude, mas que costumam ser encaradas com resistência pelas instituições de ensino, como oficinas de skate e rodas de funk.

— A escola precisa incorporar essas atividades de alguma maneira, porque elas prendem a atenção do estudante, que, geralmente, acha chato ir para um lugar que não abre espaço para nada do que ele gosta. Então, tivemos oficinas realizadas por alunos que tiveram professores na plateia, eles acompanhavam como público — afirmou Gravatá.

Em algumas escolas, foi a primeira vez que seus diretores abriram as instituições de ensino para atividades que envolvessem toda a comunidade, segundo o ativista:

— As escolas costumam abrigar festas juninas. Algumas delas têm olimpíadas, mas nunca fizeram nada para as comunidades que as abrigavam, nunca tinham sido um espaço para toda a família. A educação tem que ser discutida por todos e não apenas por professores e pedagogos.

Para a primeira edição do evento, o grupo arrecadou recursos por meio de doações de amigos e pela internet, em sites de financiamento coletivo. Gravatá explicou que, embora os organizadores tenham estabelecido como meta a arrecadação de R$ 50 mil, conseguiram mobilizar apenas R$ 20 mil:

— Não é nada fácil fazer com que as pessoas doem dinheiro. Conseguimos 250 doadores.

Para a próxima edição, ainda sem data definida, eles já conseguiram o apoio de uma fundação privada e buscam encorajar ativistas de outros estados a produzirem suas próprias edições do evento, para as quais prometem oferecer apoio logístico.



“Eu estudei em seis escolas públicas. Em uma delas, tive um professor que disse que os alunos ainda estariam um dia nas páginas policiais.
Há um movimento para fazer uma virada na educação que vem muito desse lugar, da experiência de aridez, escassez.”

ANDRÉ GRAVATÁ,
JORNALISTA
http://viradaeducacao.me

DÉBORA SEABRA: A INCLUSÃO EM PESSOA

Débora Araújo Seabra de Moura nasceu em Natal (RN) há 33 anos. Hoje é professora da Escola Doméstica, na mesma cidade. Sua trajetória seria semelhante à de muitas educadoras não fosse ela a primeira professora com Síndrome de Down no país. Ela é do time que luta pela Inclusão — assim mesmo, com I maiúsculo, como gosta de repetir.

A história de Débora se reflete nas páginas do livro “Débora conta histórias”, com oito fábulas relacionadas ao tema inclusão, lançado em 2013 pela Editora Alfaguara. Um sapo que não sabe nadar e uma galinha surda são alguns dos personagens da obra. Ela agora quer se dedicar ao texto de sua biografia, que já começou a ser escrita.

Não se trata de uma história fácil de ser contada. Ainda na escola, ela foi alvo de bullying. Colegas abusavam de sua generosidade e pediam seu celular emprestado para fazer ligações à sua custa. A dificuldade para aprender era grande. Para se enturmar, era enorme. Uma vez, ela lembra, foi obrigada a cheirar o sapato de uma colega de turma. Nesse dia, decidiu que seguiria em frente:

— Pensei “não vou desistir, não vou desistir” e gritei com ela. Uma amiga se juntou a mim, e começamos a gritar juntas — contou Débora.

Hoje, na escola, como professora auxiliar, ela participa do planejamento semanal de aulas, da organização dos arquivos e materiais e de diversas atividades, como contação de histórias. Ela mesma revela, orgulhosa, que conhece os pais de todos os alunos. Débora, que foi vítima da falta de respeito de colegas de turma, é quem intervém nas brigas entre as crianças:

— A gente senta numa roda e converso com eles sobre respeito. Ninguém pode passar pelo que eu passei, por humilhação, discriminação e exploração.

Entre as bandeiras levantadas por Débora está a defesa de escolas regulares para todos. Ela enfrentou dificuldades, mas conta que cresceu fazendo tudo o que qualquer pessoa da idade dela faz. Ela, inclusive, trabalhou como modelo e recepcionista em eventos.

— Sempre estudei em escolas regulares porque o contrário é discriminatório. Inclusão ensina a conviver — afirmou. — Não tenho uma doença, é só um jeito diferente de ser. Especial para mim é minha família. Superar dificuldades nos fortalece e traz felicidade.

Hoje, a professora fala de sua trajetória em palestras pelo Brasil e no exterior. No dia 21 de março de 2014, data em que é comemorado o Dia Internacional da Síndrome de Down, Débora ministrou palestra na sede da Organização das Nações Unidas (ONU), em Nova York, nos Estados Unidos.



“Tenho dois alunos que são gêmeos e a gente trata eles da mesma forma. Meu irmão e eu somos diferentes, mas meus pais tratam a gente igual também. A diversidade abre caminhos para todos.”

DÉBORA SEABRA,
PROFESSORA
debora.seabra@uol.com.br

MATEMÁTICA NÃO É UM BICHO DE SETE CABEÇAS

Os professores da Universidade de Harvard Robert e Ellen Kaplan criaram um método de ensino de Matemática que já é adotado por dez cidades brasileiras: Porto Alegre, São Paulo, Fortaleza, Belém, Brasília, Salvador, Aracaju, Rio de Janeiro, Duque de Caxias e Porto Velho. Por meio de uma abordagem que prioriza a construção coletiva de conhecimento, o casal de matemáticos provou que a disciplina está longe de ser um bicho de sete cabeças. Criada em 1994, a iniciativa consiste em um programa de cursos voltado para crianças e jovens entre 5 e 17 anos.

Para Kaplan, uma sala de aula deve ter um clima de conversa, e o erro deve ser encarado como uma ferramenta para o acerto. Por isso, para apresentar seu método, ele relata um episódio ocorrido em sala de aula, quando uma aluna disse que não existiam números entre os números. O professor, então, perguntou ao grupo quantos anos eles tinham. A partir das respostas, deu início a uma discussão sobre espaços vazios, que gradualmente foi encaminhando a turma à resposta.

— Eles começaram a responder que tinham 7 anos e alguns meses, e passaram a entender que não há só espaços vazios entre os números. E nada de competição, mas, sim, a sensação de estar participando de uma conversa. A Matemática precisa ser estudada coletivamente, e os alunos precisam chegar sozinhos às respostas — afirmou o professor.

A versão brasileira do programa foi implementada no segundo semestre de 2013 pelo Instituto TIM e já colhe ótimos resultados. Com três meses de projeto, os alunos apresentaram uma melhora de 5,7% no rendimento da disciplina. A

avaliação tomou por base o índice de competências matemáticas criado pelos Kaplan. Hoje, a metodologia já atende sete mil alunos brasileiros de escolas públicas, entre 7 e 9 anos de idade.

O método busca melhorar o desempenho dos estudantes do Brasil, que ainda amarga uma realidade nessa área de ensino. De acordo com levantamento do Programa Internacional de Avaliação de Estudantes (Pisa) 2012, que avaliou o rendimento dos alunos em Matemática, o Brasil está na 58ª posição em uma lista de 65 nações.

— O grande problema está na formação dos professores. Não é um problema só do Brasil, e sim do mundo, incluindo nações ricas. Os alunos não têm medo da Matemática, mas da forma como ela é ensinada — concluiu Ellen.

Kaplan chama a atenção para a importância da analogia no ensino da disciplina:

— A Matemática é a poesia mais linda de todas, e sua essência é a analogia. É através dela que a beleza abstrata dos números e suas propriedades estranhas são reformatadas na mente das crianças.



“Crianças amam coisas grandes, dinossauros. Por que não falarmos sobre o infinito com elas?”

“A Matemática é uma ponte entre a mente e o universo. O que existe é uma resposta para a eternidade, e não o certo e o errado.”

ROBERT KAPLAN,

PROFESSOR DE MATEMÁTICA

www.ocirculodamatematica.com.br

a voz do público

Vídeos, desenhos e textos foram produzidos pelo próprio público durante o evento e exibidos nos oito totens dispostos em círculo que formavam o espaço interativo “Você é o conteúdo”.

Os participantes completaram frases como “Se essa escola fosse minha...”, ou “o melhor professor é aquele que...”, transformando a biblioteca da Escola Sesc de Ensino Médio em um grande painel de opiniões e desejos para o futuro do ensino.



Gelker



O público interagiu produzindo textos, vídeos e desenhos

“EDUCAÇÃO é a única coisa que nos torna diferentes!”

Pensador

“Faria de cada momento uma nova oportunidade de me reconhecer nos outros.”

Gabriel Lima

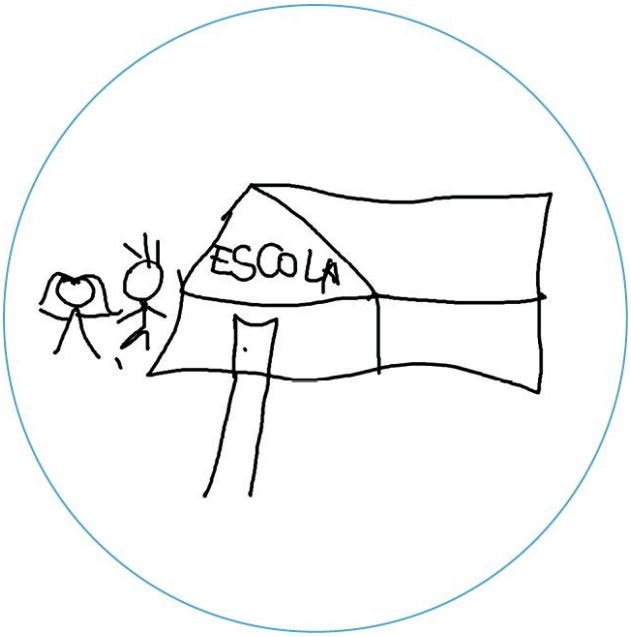


Cinthya Miyuki

O MELHOR PROFESSOR É AQUELE QUE...

"Ensina com amor e exerce a profissão porque sente prazer e gosta do que faz. É aquele que desperta no aluno o interesse pelo conhecimento."

Daniela Rosset, Ana Flávia e Paula Nicolay



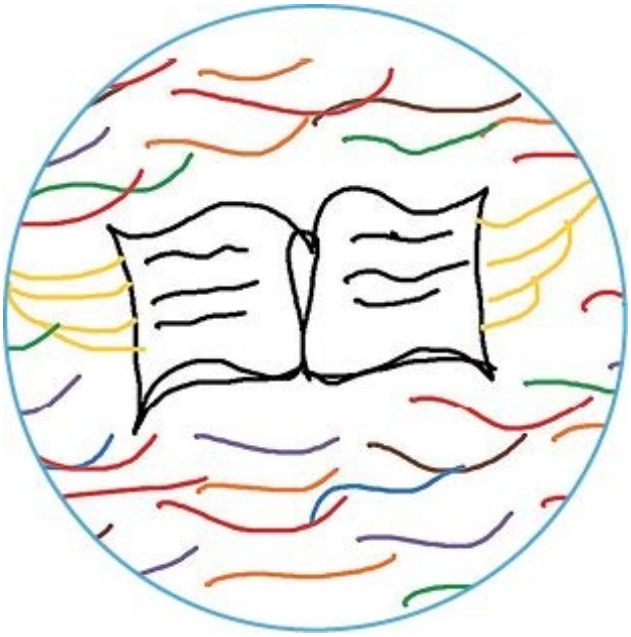
Marcela Teixeira

“Desperta em seus alunos o interesse pelo saber e extrai o melhor de cada ser humano, contribuindo para o desenvolvimento da sociedade.”

Priscilla Caetano

“Aponta os caminhos, inspira, é flexível e sabe chamar a atenção dos seus alunos. Enfim, é um líder na busca pelo conhecimento.”

Mauricio Lima



Thiago

“Motiva os alunos para que sejam fonte, água que jorra de dentro para fora, assim como a vontade de aprender que vem de dentro para fora.”

Heydson

“Entende seu aluno como um estímulo para seu crescimento e como fonte de renovação na sua caminhada profissional.”

Thiago Ferreira Camara

“Incentiva as perguntas, e não as respostas, e que constrói escol(h)as alternativas.”

Leandro Gomes

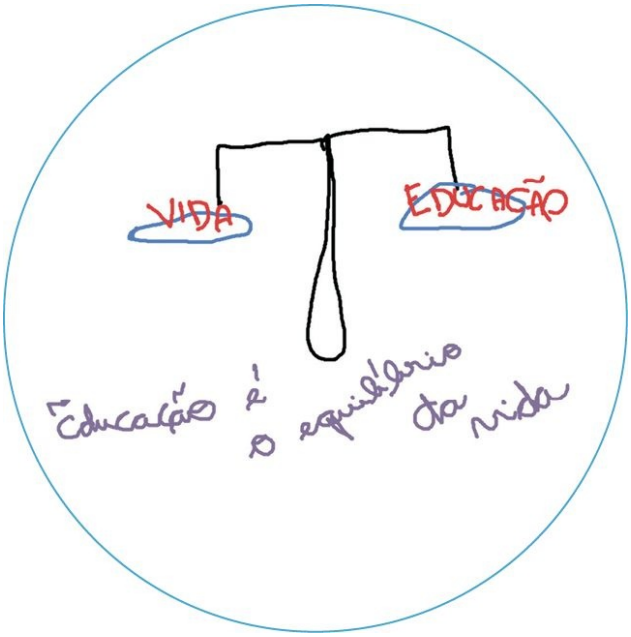
“Ao mesmo tempo que ensina, aprende e constrói junto com seus alunos o processo de ensino-aprendizagem.”

Juliana da Fonseca Rodrigues



Ed Rodrigues

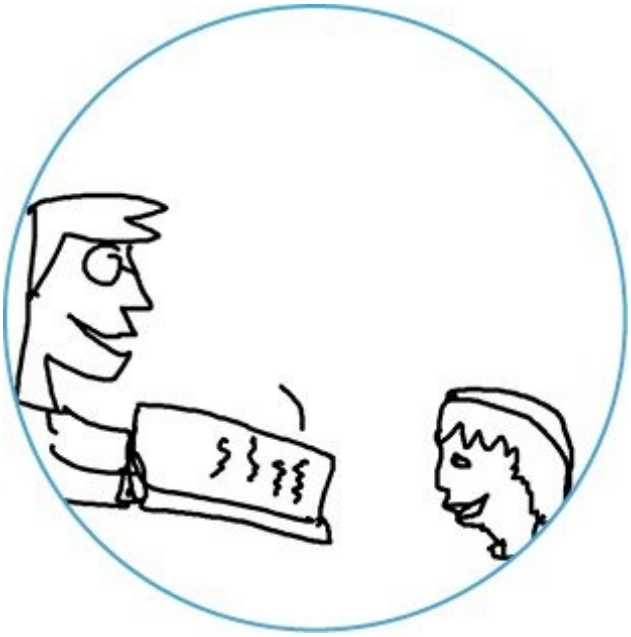
SE ESSA ESCOLA FOSSE MINHA...



Ana Carolina de Souza

"Certamente transformaria a escola num espaço de trocas, onde o eu representaria o coletivo de atores sociais que compartilham conhecimentos, saberes e emoções."

Edson Ferreira Soares



Vinicius

“Eu diria que acolhimento é a palavra-chave. Uma escola que acolhe o público, seja ele qual for, formado por pais ou alunos, é essencial a todos.”

Talita Raquel Dantas Cardoso



Marco Aurélio de Oliveira

“Eu ensinaria o aluno considerando toda a bagagem que ele já tem.”

Ana Leite

“Valorizaria toda a diversidade cultural presente na escola e na sociedade.”

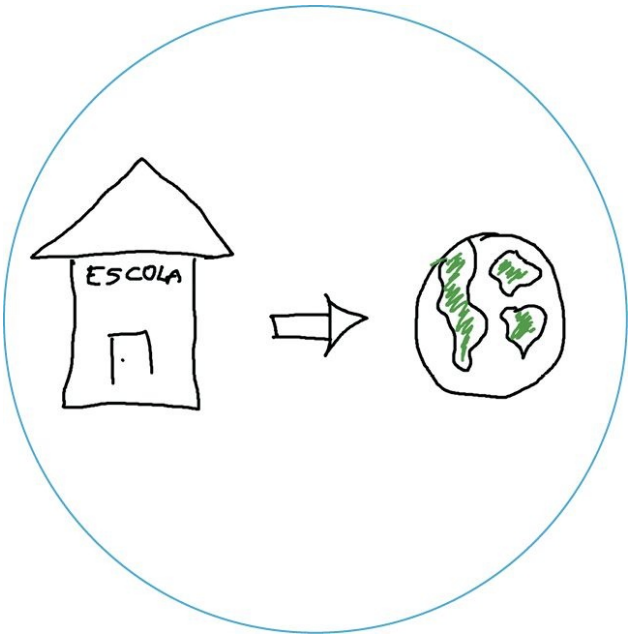
Aline Almeida da Silva

“Eu investiria mais nas relações de afeto entre docentes e discentes, nas aulas extramuros e em ‘professores’ formados fora da academia tradicional.”

Ana Condeixa

“Investiria em esportes, pois acredito que o esporte estimula a capacidade intelectual.”

Silvana Rabelo



Ana Beatriz Avelar

expediente

EDITORA: Roberta Ferraz

DESIGNER: Raquel Cordeiro

REDATORA: Vivi Fernandes de Lima

TEXTOS: Adalberto Neto, Aline Bonatto, Andrea Rangel, Bruno Alfano, Dandara Tinoco, Filipe Isensee, Flávia Junqueira, Leonardo Vieira, Maisa Capobiango, Pedro Zuazo, Stéfano Salles e Vivi Fernandes de Lima

REVISÃO: José Figueiredo

FOTOGRAFIA: Fabiano Rocha, Guilherme Pinto, Marcelo Piu e Pablo Jacob

TRATAMENTO DE FOTOS: Wagner Loeser

Encontro Internacional Educação 360 (2014: Rio de Janeiro, RJ).

Documentário do 1º Encontro Internacional Educação 360. Rio de Janeiro, RJ, Brasil. 5 e 6 de setembro de 2014. Rio de Janeiro: O Globo e Extra, 2014.

Livro + e-book

ISBN 978-85-8457-007-2

88p.

1. Educação. 2. Ensino. 3. Encontro Internacional. 4.Mídia e Educação. 5.Educação e Sociedade. 5.Educação de Alma Brasileira. 6.Grandes Tendências. 7.Edgar Morin. 8.Pierre Lévy. 9.Shukla Bose. 10.José Francisco Soares